O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

ANNO XXVIII | AVEIRO, 10 DE OUTUBRO DE 1909 | N.º 1:329

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

O GENERAL BORRACHO

A nossa demissão. Completa a quadrilha republicana a sua obra. A covardia nacional. O que é em Portugal a disciplina militar.

Dizia no domingo, 3 d'outubro, o orgão da moralidade publica que é conhecido pelo nome de *Diario Popular*:

Falava-se hontem em que um official general, em activo serviço, ponderára em termos energicos ao governo a necessidade de ser castigado militarmente um official que, por circumstancias especiaes, fôra forçado a abandonar o seu cargo no exercito. O motivo allegado é offensas, com publicidade, dirigidas pelo segundo ao primeiro, e que o segundo classifica de replica ou resposta. O facto do arguido não estar em serviço no exercito não exclue, segundo a reclamação feita, a intervenção do governo, como ainda ha pouco succedeu com um general reformado, que foi castigado por ter assistido a um banquete republicano.

Respondia o outro orgão da moralidade publica, de que é condigno redactor, com o collega Ribas d'Avelar, o celebre general Borracho:

O *Diario Popular* foi mal informado ácerca de uma questão sobre a qual não podemos dar informações por ella não estar liquidada nem poder sêl-o com rapidez. E' absolutamente falso que fosse feita reclamação nos termos referidos pelo orgão vilhenista, ou em quaesquer outros—pela simples razão de que não houve, na verdade, reclamação nenhuma.

Rectificava na terça-feira o primeiro dos dictos orgãos da moralidade publica, o tal *Diario Popular*:

E' infundado o boato, de que nós fizemos echo, de ter um brioso official general do nosso exercito, por motivo de referencias jornalisticas, reclamado do governo qualquer castigo para um official menos graduado, sahido do exercito por circumstancias muito especiaes, mas ainda estipendiado pelo Estado, e a quem esse general, por ponderosas razões, não se pode dirigir em desforço pessoal. A questão existe, mas sob outro aspecto, que não podemos, por motivos que se impõem, esclarecer.

A solução respectiva, que naturalmente tem de ser demorada, será, porém, a seu tempo conhecida do publico.

Era infundado o boato, na verdade. O *brioso official general* não tinha reclamado. Tinha *denunciado*. Simplesmente *denunciado*.

O *brioso official general*, costumado a metter medo a todo o mundo, ficou aterrado com a idéa de haver, emfim, um homem que não tivesse medo d'elle em Portugal. Não ter medo d'elle em Portugal era a sua vida escancarada, a sua vida de bordel, a sua vida de taberna, a sua vida escandalosa pré borracho e pos borracho. Como dissipar esse pavor? Como fugir a esse castigo, que parecia castigo do inferno?

Era facil. Pareceu-lhe a elle que era facil. Havia um homem em Portugal que não tinha medo d'elle? Mas era um só. Um só! E esse, *felizmente*, — julgou elle, pareceu-lhe a elle, — estava preso por uma *barbella*, a barbella militar.

O *brioso official general* não reclamou. Reclamar? O *brioso official general* nunca reclamou. Mandou! Elle não reclama. Manda! Elle não pede. Ordena! Elle não supplica. Ameaça!

Reclamar? Não. Havia um homem que não tinha medo d'elle em Portugal. Mas era um só! Toca a escrever ao presidente do conselho. Toca a dizer-lhe: «Aquelle fala? Aquelle não se cala? Aquelle não tem medo de mim? Mas tem você! Eu não peço contas áquelle. Eu com aquelle não posso. Mas peço-as a você! Em você sahindo dos conselhos da corôa, eu racho-o. Elle fala por conta de você. Pois eu racho-o, a você!»

O miseravel! Os miseraveis!

Outro homem, como já dissémos, um presidente do conselho que fosse homem, dava-lhe com a carta na cara. Dava-lhe com a carta na cara? Rasgava-lh'a na cara. Esfregava-lh'a na cara. Mas em Portugal só ha um homem que não tem, ao que parece, n'esta borra da politica, n'esta infamia do jornalismo, em que por desgraça tambem andamos envolvido, medo do general Borracho.

A suprema injuria que o miseravel dirigiu ao presidente do conselho! Porque não ha injuria maior que dizer-se a outro: *Você não teve a coragem de me atacar? Você arranjou um testa de ferro? Pois eu racho-o!*

Quatro vezes injuria! Quatro vezes suprema injuria!

Quatro vezes injuria, quatro vezes suprema injuria:

1.º Porque não ha injuria maior que suppor um homem capaz de não atacar de frente ou por conta propria e de atacar pela rectaguarda ou por conta alheia. O miseravel suppoz isso do presidente do conselho.

2.º Porque maior injuria é ainda lançar essa supposição á cara de qualquer com a certeza de que é falsa. Ora o miseravel sabia muito bem que o presidente do conselho não tinha sobre nós influencia nenhuma e comnosco relações de qualquer ordem.

3.º Porque triplica a injuria usar d'esse expediente como mero instrumento de *chantage*, como *truc* de canalha, como processo de fadista. Era suppor tão covarde, tão vil, tão ordinario o presidente do conselho que, dando por boa a *chantage*, dando por bom o processo do fadista, o *truc* do canalha, usasse, tremendo de medo, do unico recurso que tinha contra nós, o recurso militar.

4.º Porque completa a affronta, a injuria, a insolencia, o facto de tudo isso ser feito, directamente, a um presidente do conselho por um funccionario publico em exercicio e um funccionario militar.

Outro presidente do conselho daria um salto d'indignação na sua cadeira e bastaria a suprema affronta para que, rasgando a carta, amachucando a carta, esfregando a carta na cara do signatario, *não tivesse nenhum procedimento* contra aquelle que o miseravel, por uma fórma tão grosseira, tão baixa, tão reles, tão indigna, visava.

Pois não! O presidente do conselho deu tudo como bom e... procedeu contra nós!

O meu paiz tem esse presidente do conselho! O meu paiz tem um ministro da guerra que faz causa commum, n'esse jogo, com o presidente do conselho!

Qual foi o documento em cima do qual procedeu o ministro da guerra?

Baracho não reclamou, como elle diz. Baracho não deu parte. Baracho, denunciando, affrontou, tão gravemente como ao presidente do conselho, o ministro da guerra. Se lhe escreveu, como é publico e corrente. Se lhe não escreveu —e suppomos bem que lhe escreveu, nem Baracho era homem para escrever a um sem escrever a outro—serve de base a carta dirigida ao presidente do conselho.

Mas como? E' esse o documento sobre o qual se ha de formar o auto de corpo de delicto?

O caso de que se trata não é um caso de *fiagrante delicto*, nem de grave indisciplina, nem um caso de serviço. E' um caso de offensa a superior, fóra, e bem fóra, dos actos de serviço, extranho, e bem extranho, a actos de serviço, por meio de palavras escriptas e que requer participação, em forma, de quem se julga offendido. Ha essa participação? Procede-se. Não ha essa participação? Não se procede.

Isto é vulgarissimo em quarteis, quanto mais fóra dos quarteis e em circumstancias como aquellas de que estamos tratando. Ha uma quebra de disciplina nos quarteis? O chefe procede, *se lh'a participam*. Mas se não lh'a participam, não faz caso, *embora tenha conhecimento d'ella*. Salvo em casos excepcionaes. A *parte* é quasi sempre condição essencial para o chefe proceder.

Se isto é assim em quarteis, onde se torna necessario um maior rigor de disciplina, se isto é assim em relação a actos de serviço, como se segue jurisprudencia differente e se segue processo contrario não só fóra dos quarteis, não só fóra dos actos de serviço, como n'uma questão d'imprensa e sendo um dos auctores da questão um simples official reformado?

Isto é espantoso! Veja o paiz que espirito de disciplina preside ao exercito portuguez!

O general Borracho não deu parte. O general Borracho disse: «Fizeram-me isto e vae porrada, não sobre quem o fez mas sobre vocês que o consentiram.» E isto, que em toda a parte do mundo teria como primeira consequencia o castigo immediato e severo do insolente que tal escrevesse, não só deixa impune o seu auctor como constitue base de processo contra aquelle de quem elle, afinal, não deu parte na *devida forma*, embora indirectamente o denunciasse e não pretendesse mais que attrahir sobre elle um castigo militar.

E' espantoso!

E' por estas e outras, por este tremendo espirito d'iniquidade, por este revoltante espirito de facciosismo, por esta vergonhosa e infame transigencia com o crime, por esta consagração dos maiores attentados á justiça, á verdade, aos bons principios, que este paiz tem chegado á beira d'um abysmo e acabará por rolar no abysmo

Isso que se está fazendo comnosco, sob pretexto de disciplina, é a mais vergonhosa, a mais indecente das indisciplinas. E' a sancção final d'uma serie de vergonhas, d'indignidades, d'indecencias, que bastam para classificar um exercito, um regimen, um paiz.

Quem é general Borracho? E' o homem que já definimos e que acabamos hoje de definir em outra parte. E' o homem que, depois de ter sido auctor e cumplice dos maiores crimes do regimen, se indispoz com o regimen, porque o regimen, ainda assim com mais vergonha, com mais pudor do que elle, o não quiz fazer ministro da guerra. E' o homem que, pelo simples facto do regimen o não ter feito ministro da guerra, passou a conspirar com os republicanos contra o regimen, mas sempre, indignamente, dizendo-se partidario do regimen. E' o homem que, depois de ter gosado a protecção escandalosa do rei, se voltou contra o rei, porque o rei foi a causa do regimen lhe não ter dado o penacho do ministerio da guerra. E' o homem que, tendo comido e bebido dezenas de contos de reis em *foie gras*, em champagne, em conservas, em acepipes e vinhos de toda a ordem á custa da nação, tendo consumido rios de dinheiro ao thesouro publico sem uma hora de trabalho util, antes ostentando descaradamente uma vida de pandegas e vicios, tem a audacia de se arvorar em accusador austero dos que receberam *adeantamentos*. E' o homem que, como Alpoim, tendo collaborado em todas as leis liberticidas que existem em Portugal, tendo sido, como Alpoim, um dos incitadores do rei D. Carlos aos actos de governo pessoal, e um dos mais fortes apoios do regimen n'esse periodo detestavel, applaudiu, como Alpoim, a morte do rei, tripudiou, como Alpom, sobre o cadaver do rei e desfralda hoje, como o cynico Alpoim, o Zé Maria d'outros tempos, a bandeira *da libardade* e da... *moralidade publica*.

Mandado retirar de Loanda, onde commetteu os abusos e as expoliações que n'outra parte se referem, onde auferiu, sem nenhum serviço ao paiz, vencimentos enormes, não houve improperio que não proferisse contra o ministro que praticou o acto honesto de pôr termo a esses abusos. Era esse homem seu superior, porque tinha mais alta patente militar e porque era ministro d'estado. Em lettra redonda lhe dirigiu as maiores provocações e os maiores insultos o então Dantas Borracho. Provocou-o. Desafiou-o. Ninguem se lembrou de fazer *reformar por incapacidade moral* o official de marinha e ministro d'estado que não se *batia em duello* como *desforço* dos insultos miseraveis, nem pegava n'um chicote para retalhar a cara do seu insultador, quando a verdade é que a *incapacidade moral* d'esse ministro era manifesta, não por não se ter batido em duello, mas por não ter a dignidade precisa, a dignidade da sua pessoa e a dignidade da sua auctoridade, para fazer aferrolhar immediatamente no Castello de S. Jorge o atrevido funccionario corrupto que respondia ao seu acto de moralidade e de justiça com insultos de tal ordem. E assim como ninguem se lembrou de reformar por incapacidade moral o insultado, ninguem se lembrou de proceder contra o seu inferior na escala hierarchica que o insultava. E é este quem ousa agora denunciar um simples official reformado que em legitimo desforço, fóra dos actos de serviço, sem ser por motivo de serviço, n'uma questão d'imprensa em que o denunciante lhe arremessou os insultos mais grosseiros, lhe diz meia duzia de verdades! E em cima d'essa denuncia, feita aos mais altos poderes d'esta terra nos termos mais affrontosos para elles, procedem contra o denunciado aquelles que nunca tiveram o decôro preciso para, pondo termo aos desmandos do denunciante, salvaguardar ao menos a dignidade das funcções, o prestigio e a auctoridade do cargo, já que não eram capazes de salvaguardar a propria dignidade.

Voltava esse homem, esse general, as costas ao rei, em plena rua, quando o rei passava. Fez-lh'o mais do que uma vez em pleno Chiado, clamando bem alto: *Eu não cumprimento aquelle malandro!* E os que se apressam agora a proceder, com medo da espada do *valiente*, e depois do *valiente* os ter cuspido como sempre, contra um simples official reformado, nunca tiveram a vergonha necessaria para castigar, reprimir, acabar com aquelles attentados. A' face da disciplina militar, gravissimos attentados. E sendo certo que a *infracção disciplinar é tanto mais grave*, diz a lei, quanto maior a cathegoria do militar.

Não vae esse homem ao Paço, nos dias em que lá comparecem, para cumprimento d'uma ordem, os outros officiaes. Gaba-se d'isso. Mas todos os dias, e d'isso tambem se gaba, frequenta a redacção do orgão de prestituição da rua larga de S. Roque. E é este homem quem fica impune, e são aquelles que teem um passado de honestidade e de sinceridade, quem, por imposição, por ordem sua, imposição desbragada, ordem insolente, são castigados!

E' esta, saiba-o bem o nosso paiz, saiba-o a Europa, e ha de sabe-lo porque o *Povo de Aveiro* é lido nas embaixadas, é esta a disciplina militar em Portugal.

Pois bem. Nós voltamos-lhe as costas. O sr. Homem Christo pediu a sua demissão d'official do exercito reformado. Completa-se assim a obra da formidavel quadrilha republicana. Começou aquelle homem por ser transferido de regimento, por andar de regimento em regimento, pelo crime de ser sinceramente republicano. E dizemos sinceramente republicano porque nunca correram perigo egual aquelles que, como veio a ser, mais tarde, Baracho, eram republicanos e monarchicos. Desceu 89 logares na sua escala, ainda tenente, por ter tido a ingenuidade d'imaginar que seria possivel levar o partido republicano a uma obra revolucionaria acertada. Tendo empregado todos os meios d'evitar o tremendo desastre do 31 de janeiro, foi accusado de traidor aos republicanos e de auctor da revolução aos monarchicos, valendo-lhe isto o ser preso, mettido na Relação do Porto, e depois julgado a bordo d'um navio de guerra, emquanto os infames, que usavam d'essa doblez, d'essa abjecta deslealdade, e que eram os verdadeiros atiçadores da revolta malograda, ficavam em liberdade. Sempre com a sua vida cortada, pelo seu espirito independente, de incidentes e desastres de toda a ordem, chegou ao conflicto Affonso Costa, em que a quadrilha republicana tentou de vez anniquila-lo. Ainda então não foi possivel abate-lo moralmente e reduzi-lo á miseria. Eis que Dantas Borracho, executor da quadrilha republicana, com a qual está ligado, termina, emfim a obra... da justiça democratica!

Da justiça democratica!

Não sabemos se ficaremos reduzido á miseria. Suppomos que não. Mas é indispensavel para isso que não nos falte a saude, e o apoio que a opinião publica está concedendo a este jornal. Coisas falliveis! Nós trocamos o certo pelo incerto. Mas esta situação não podia continuar. Esta situação era um pavor. A cada passo nos sentiamos preso pela barbella militar. Das duas, uma. Ou cortavamos essa barbella ou nunca podiamos cumprir integralmente a nossa obra de justiça e de verdade.

Alea jacta est. A barbella ficou cortada.

Eis um bello campo, para o qual ousamos desafiar Dantas Borracho!

Vamos, Dantas Borracho, tenha esta coragem, tenha esta dignidade! Despedace os seus cordões de ajudante de campo, rasgue os seus galões de general para poder então chamar, com algum decoro, malando a um rei que o cumulou de favores, e que só por culpa de você e d'outros que o atiçaram, que o empurraram, trilhou um mau caminho, e para poder então dignamente, ahi dignamente em relação á infamia, entrar no repugnante prostibulo da rua de S. Roque. Ao menos declare-se abertamente republicano. Tenha essa fraca coragem. Ao menos, essa fraca coragem!

Não sabemos se nos será dada, desde já, a demissão que reclamámos. Mas se a negarem, fica-se sabendo que não se exerce sobre nós, desde este instante, mais que um odioso espirito de vingança.

E'-nos indifferente. Nenhum temor nos assusta. Nenhum receio nos invade. Se a negarem, maior será, e mais grandioso, no dia do julgamento, o espectaculo. Que bello espectaculo! Porque alli havemos de pedir rigorosas contas áquelles que até lá nos arrastarem. Porque alli havemos de dizer bem alto, e largamente demonstrar, o que representa, o que vale, o que é, a disciplina militar em Portugal. Porque alli havemos de provar, que tudo isto representa a covardia nacional, ou por outra, que tudo isto resulta do medo de Baracho. Porque alli acabaremos de tornar patente, bem patente, que só sobrenada n'esta terra a infamia, a devassidão, a mentira, a mediocridade!

No civil... Affonso Costa!

No militar... Dantas Borracho!

Qh que grandioso, oh que soberbo espectaculo! Se podessem assistir todos os homens d'esta terra, todos os homens d'esta terra seriam convidados a assistir áquelle soberbo espectaculo!

Que grandioso! Que soberbo espectaculo!

Tribuna

Jules Huret trata do ensino profissional, e diz:

Un Américain disait devant moi dans une réunion d'industriels:

—Moi, je soutiens que la supériorité du commerce et de l'industrie de l'Allemagne lui vient du progrès de ses écoles techniques depuis quinze ou vingt ans.

Car le réalisme que nous avons constaté dans l'enseignement de l'école primaire, on le retrouve poussé á ses dernières limites dans les écoles techniques allemandes. Surtout ici, il fait réfléchir... Essayons encore de comparer les méthodes.

Comment fait-on un ingénieur en France?

Un jeune Français fraîchement sorti de l'École polytechnique, M. Arnou, que je rencontrai dans une ville industrielle de l'Ouest allemand où il travaillait depuis près d'un an comme ouvrier, me fit l'exposé de la question au double point de vue allemand et français.

Voici en quels termes:

— Le jeune homme que sort du lycée où il a étudié les sciences, se présente, selon sa plus ou moins grande valeur mathématique à l'École polytechnique, à l'École des mines, à l'École centrale, etc., etc. Il est reçu. Il n'a jusqu'ici fait que des mathématiques pures ou appliquées. Entre-t-il à l'École polytechnique, il continue pendant deux ans l'étude des sciences abstraites. Puis viennent les études techniques proprement dites. Ici nous touchons à l'erreur la plus importante de nos programmes. A l'École centrale, par exemple, type pourtant de l'école pratique, les chimistes, les constructeurs, les métallurgistes suivent tous les mêmes cours. De même qu'à l'Ecole des mines on enseigne à tous les élèves, et de la même façon, la métallurgie, la géologie, la docimasie, l'exploitation des mines et des chemins de fer.

« En Allemagne, le jeune homme, muni de son diplôme de fin d'études et désireux d'embrasser la carrière industrielle, commence en général par faire un stage pratique d'une année dans une usine ou fabrique où il travaille comme ouvrier, puis il entre dans une école technique, y étudie pendant deux ans les sciences mathématiques et physico-chimiques, et subit alors un premier examen. Les deux années suivantes sont cousacrées aux sciences appliquées, et l'étudiant suivra des cours différents, suivant qu'il se destine à la métallurgie, aux mines, à l'architecture ou à la construction des machines. Autrement dit, un diplôme d'ingénieur des arts et manufactures, en France, correspond à quatre et cinq diplômes d'une des écoles techniques allemandes. On ne peut soutenir pourtant que la compétence de l'ingénieur français équivaudra a celle de cinq spécialistes allemands! Son esprit aura embrassé beaucoup de choses, mais il est certain qu'il ne les connaîtra que superficiellement.

« Faut-il cependant condamner l'éducation française que donne une part considérable à l'étude des sciences générales? Un de nos plus éminents professeurs, M. Le Chatelier, devant les élèves de l'École des mines de Liège, a fortement parlé sur cette question. Parlant de l'importance de la culture scientifique, il a montré comment l'empirisme conduit à des conclusions fausses.

« — L'homme qui n'est qu'expérimenté, a-t-il dit, ne vaut que par le nombre d'expériences qu'il a vues; celui qui reçut une éducation scientifique suffisante saura diagnostiquer, même dans les cas qu'il ne connaît pas

« On discute souvent, dit M. Le Chatelier, sur le choix des matières devant entrer dans l'enseignement destiné à former des ingénieurs. Sans aucun doute possible, le premier rang doit être occupé par les sciences générales. L'utilité d'entrer dans le détail des diverses industries est très controversée. De toute évidence, la pratique s'apprend infiniment mieux et infiniment plus vite dans les usines que dans les écoles... Mais ce qu'il faut développer avant tout c'est l'esprit critique, l'habitude de se rendre compte des causes d'erreur et de chercher soi-même le moyen de les éviter. »

— Il y a pourtant dans notre système une anomalie criante d'où résulte, au fond, la véritable infériorité de nos jeunes ingénieurs. Beaucoup d'entre eux sortent de l'école sans avoir vu de près une usine métallurgique ou un atelier de construction. Certains ingénieurs des arts et manufactures deviennent ingénieurs des mines sans être jamais descendus sous terre! L'Allemagne a voulu éviter à tout prix cette erreur et cette faiblesse. Le jeune homme qui se destine à une branche quelconque de l'industrie doit travailler un an «comme ouvrier» *avant* de commencer ses études. Futur métallurgiste, il aidera à la charge et à la coulée des fours après avoir fait au laboratoire les analyses qui peuvent se présenter; constructeur, il apprendra à manier la lime, à ajuster, à monter. Enfin et par-dessus tout, il vivra pendant un assez long temps de la vie de ceux qu'il aura à commander plus tard; il connaîtra leurs sujets de mécontentemeut, les moyens d'y répondre.

« On ne saurait nier que voilà une mesure excellente, indispensable; une seule chose est discutable: ce stage doit-il se faire avant, pendant ou après les études? En France, ou a pense qu'il serait possible de le placer au cours des vacances. A l'École des mines, après la première année, les élèves sont astreints à faire un stage de deux mois dans une mine ou une usine métallurgique; chaque année, leurs vacances sont assez longues pour leur permettre de tels travaux pratiques; mais cette mesure sage manque le plus souvent son but; le jeune Français vient dans une ville industrielle, la plupart du temps étrangère, s'enquiert d'un compatriote qui puisse le renseigner, visite quelques installations, se procure des plans, veut en un mois tout voir: technique, économie politique, etc., et ne sort pas du vague et de l'imprécis. Pourquoi ne crée-t-on pas une entente entre les grands établissements industriels et nos écoles, les usines accueillant chaque année une partie des élèves, les astreignant à des heures de présence fixes et à un travail régulier «comme ouvriers»? On pourrait aussi restreindre un peu les cours théoriques et, au moins, ne pas obliger le chimiste à suivre un cours d'architecture, ou l'ingénieur des mines à étudier les problèmes des chemins de fer. En économisant ainsi sur les études inutiles, on gagnerait le temps suffisant à une bone éducation pratique.»

Ainsi me parla mon jeune et intelligent compatriote. Puisse sa voix désinteressée être entendue!

Escola Industrial

Deseja-se que a imprensa local manifeste a sua opinião sobre a preferencia das novas cadeiras na Escola Industrial.

Nós vamos pela geometria e arithmetica e principios de physica e chimica.

Se o professor da cadeira de physica e chimica é obrigado a dar tambem geometria e arithmetica, então criem-se as duas cadeiras de principios de physica e chimica e de chimica industrial. Se não é, então criem-se as duas cadeiras de physica e chimica e arithmetica e geometria.

Demissão

Como n'outro logar dizemos, pediu a sua demissão d'official do exercito o director d'este jornal. A isso foi forçado, como justo castigo da sua independencia, da sua honestidade. Foi essa a recompensa, a legitima e ultima recompensa, do seu esforço nos quarteis em prol da civilisação d'este paiz, da abnegação de que deu provas, da lisura com que sempre procedeu nos regimentos.

Diz-se que temos alguma intelligencia. Diz-se que valemos alguma coisa como jornalista. Pois bem. Se é certo, não é muito difficil convencer todo o mundo de que com essas qualidades poderiamos ter obtido das quadrilhas politicas e dos governos favores assignalados ou importantes concessões. Não é muito difficil convencer todo o mundo de que não precisariamos, com taes meritos, descer á ignominia de receber a occultas alguns cobres, como diz esse pulha, esse indecentissimo pulha que usa o nome de Dantas Baracho, como diz toda a infamissima quadrilha republicana, de receber a occultas, repetimos, alguns cobres da policia secreta. Seriamos ás claras um *homem honrado e glorioso* como é Affonso Costa e como é Dantas Baracho. Um homem honrado, um homem glorioso e um homem farto. E' preciso accrescentar isto: e *um homem farto*. Farto de dinheiro, alem de farto de honra e de farto de gloria. Para o que não seria preciso muito, digase. Bastaria ter sido condescendente, bastaria ter poupado a quadrilha da republica. Era o sufficiente para que ella nos enchesse de honras, de dinheiro e de glorias.

De dinheiro, sim. Se as nossas aptidões jornalisticas existem, o favor da quadrilha republicana representaria para nós, á frente d'um jornal de combate, a favor da republica e contra a monarchia, n'um partido que verdadeiramente nunca teve jornalistas, rios de dinheiro.

Da mesma forma, se em vez de querermos condescender com os erros e crimes da republica quizessemos servir os erros e os crimes da monarchia, da mesma forma a monarchia nos pagaria *honradamente* esses serviços. E dizemos *honradamente* para frisar a differença que ha entre as remunerações que se concedem a um *bufo* e as remunerações que se concedem a um homem de valor. Então declaravamo-nos monarchico, como tanta gente tem feito, e recebiamos *honradamente*, em empregos, empregos do estado, e empregos de companhias e *mais coisas* que alimentam n'este paiz os homens publicos, as fartas remunerações que recebem os outros todos. Remunerações e honrarias.

Isto é evidente. Evidentissimo. E, porque é evidente, evidentissimo, é que não teem conseguido prejudicar-nos, nem sequer prejudicar-nos moralmente, as infamissimas calumnias dos quadrilheiros da republica.

Esse é o nosso *mal*. O nosso *mal* individual. O nosso *mal* material. Mas é, ao mesmo tempo, a nossa grande força. Materialmente, ninguem se tem sacrificado mais do que nós n'este paiz. Temos soffrido perseguições e baldões de toda a ordem. Desgostos sem numero. Quando podiamos viver no descanço e na abastança. Commodamente e festejado. Moralmente, porem, temos a força que resulta do nosso proprio sacrificio material. Nunca tivemos conezias. Nunca usufruimos cinco reis illegalmente. Pelo contrario, trabalhámos como poucos. Como poucos, demos o exemplo da maior abnegação. E o resultado foi sermos coagido, depois de tantos sacrificios, a atirar á cara do poder com a já tão roubada remuneração que elle nos dava.

Sahimos d'esse exercito sem um unico *rabo de palha*. De mãos limpas. De cabeça levantada. Muitas vezes nos offereceram commissões. Nunca as quizemos. Representava um attentado á nossa independencia. Era o sufficiente para que rejeitassemos. Rejeitámos sempre. Um logar n'um regimento, sim, porque isso não era um favor. Uma commissão era um favor. Um logar n'um regimento era um direito. Frequentámos as escolas. Cumprimos as prescripções da lei. A lei, cumprida a sua prescripção, fez-nos official do exercito. Não devemos n'isso favor a ninguem.

Uma vez nos regimentos, nunca ahi ninguem nos viu dobrar a cerviz a imposições indecorosas ou injustas. Ahi, como em toda a parte, sustentámos grandes luctas. Mas para repellir imposições e pretenções contrarias á justiça e á verdade. Nunca ahi ninguem nos viu praticar o *menor* acto de deshonestidade. Nunca! Apesar do nosso feitio pouco accommodaticio, uma só vez, em tantos annos, um coronel deu de nós *más* informações. Chamava-se esse homem Costa Monteiro. Ainda dois mezes antes, quando nos propunha cavalleiro da ordem d'Aviz, informava muito bem a nosso respeito. Espirito mesquinho, tendo surgido entre nós e elle um conflicto, quiz exercer uma vingança. Informou mal, quando eramos transferido de regimento. Mas, é singular, essa informação, a unica má informação que tivemos em toda a nossa vida militar, é a *melhor de todas ellas*. E' o documento mais honroso da nossa vida militar. Esse homem dizia mal de nós n'este sentido: *que eramos atrabiliario, que diziamos mal dos superiores, que eramos excessivamente severo com os inferiores, que conspiravamos contra a monarchia, que viviamos intimamente, frequentando elles a nossa casa, com os chefes revolucionarios*. De mal, nada mais dizia. E, como se vê, não ha aqui coisa alguma que nos deshonre. Mas quando chegava ao ponto de se pronunciar sobre a nossa honestidade, quando tinha de responder a este artigo do questionario: *zela os interesses das praças e da fazenda publica?* não pôde deixar de responder affirmativamente e de escrever: *é honesto*.

Era tal a sanha d'esse homem contra nós que até ao artigo do questinario: é *intelligente?* que figurava n'esse tempo no modelo d'informações, elle respondeu: *E', segundo a opinião geral*. Não era segundo a opinião d'elle. Era segundo a opinião geral. Ardia em ira contra nós! Pois quando teve de se pronunciar sobre a nossa honestidade, apesar do odio que lhe refervia na alma pequenina, não se atreveu, sequer, a falar por conta dos outros. Ahi falou por conta propria. Ahi não disse: *E', segundo a opinião geral*. Ahi affirmou. Ahi accentuava a sua propria opinião. Ahi escreveu resolutamente: *E' honesto*. O que fez com que nós exclamassemos, ao ser-nos mostrada a informação, inclusivamente, em particular, o juizo privativo: *Esta creatura faz-nos o malor elogio que se pode fazer a um homem n'um paiz de ladrões!*

Foi a *unica* má informação que tivemos. E, sendo má, foi a melhor de todas ellas.

Sahimos d'esse exercito sem um *unico rabo de palha*. De mãos limpas. De cabeça levantada. Sahimos d'esse exercito convencido de que poucos, ou nenhuns, teriam praticado as obras de abnegação e de honestidade que n'elle praticámos. Poucos, ou nenhuns, se teriam sujeitado voluntariamente á vida desgraçada dos quarteis. Quasi todos procuram commissões. Poucos ou nenhuns as teem rejeitado. Nós não as pedimos nunca. E rejeitámo-las sempre. Algumas vezes, repetimos, nos foram offerecidas. Rejeitámo-las sempre.

Sahimos d'esse exercito convencido de que lhe démos muito mais intelligencia e muito mais trabalho do que aquelle a que eramos obrigado. Muito mais intelligencia! Muito mais trabalho! Basta citar os serviços que prestámos ao quartel d'infanteria n.º 14 e a nossa tentativa, tão trabalhosa, a favor do ensino litterario. Como nós andámos sioceramente n'essa obra! O esforço que ella nos custou! O serviço patriotico que ella representava!

Não sabemos qual será o nosso destino, nem pensamos n'isso agora. Sabemos apenas, e isso nos consola, de tudo nos consola, que somos o unico homem publico, o unico, que não deve nada a esta terra, que não deve nada a isso que para ahi se chama: *o Estado*. Nada! Nem directa, nem indirectamente! Nada! Talvez se não comprehenda esta consolação. Pois, n'um paiz de ladrões, n'um paiz de corruptos, n'um paiz de fracos, em que todos os chamados homens publicos vivem e teem vivido mais ou menos dos cofres do Estado, em que todos os homens d'algum merecimento teem sido escravos dos arranjos dos partidos, deante d'elles teem abdicado, á politica teem vendido a intillegencia e a alma, essa é a maior honraria, essa é a maior consolação que pode ter um homem honrado.

Não sabemos, repetimos, o futuro que nos aguarda. Estamos doente. Physicamente estamos cançado. O nosso unico recurso, o unico, é este jornal. Confiamos muito pouco na justiça dos homens. Não acreditamos nada na força da consciencia nacional. E' claro que se n'este paiz houvesse opinião publica, houvesse consciencia, *houvesse gente*, estava assegurado e mais do que assegurado o futuro d'um jornalista que até aos cincoenta annos deu provas da nossa independencia, da nossa energia, da nossa honestidade. Sustentar um homem d'esses na sua lucta não seria só um acto de justiça. Seria um acto intelligente e patriotico. N'uma terra que se tem afundado precisamente pela falta de caracter, toda a conveniencia, a conveniencia publica, a conveniencia nacional, a grande e alta conveniencia nacional, seria que este exemplo se não perdesse, que este exemplo vingasse. Não confiamos n'isso. Nem, francamente, nos importa. Sabemos só que não podiamos deixar de lançar á cara do Estado com os ultimos cobres com que, na phrase do orgão do sr. Claro da Rica e do sr. José de Azevedo Castello Branco, o Estado nos *estipendiava*. Nós não podiamos tolerar que um general chegasse á infamissima *chantage* de dizer a um presidente de conselho: *Ou você faz calar aquelle homem ou racho-o*. E que um presidente de conselho chegasse á suprema covardia de nos dizer: *Ou você se cala, ou faço-o entrar no presidio militar de Santarem, na Torre de S. Julião ou no Forte da Graça*.

Nunca! Jamais! E ainda sob a suspeita, a infamante suspeita, de que nos poderiamos calar... por connivencias especiaes com a policia secreta.

Porque a infamia, a grande infamia d'esse miseravel, d'esse ultra-miseravel que se chama Dantas Baracho, estava n'isto: accusava-nos de escrever por conta d'outrem; de receber das mãos do presidente do conselho o estipendio das chicotadas com que o retalhavamos. Depois, contando com a nossa qualidade de militar, e com a covardia do presidente do conselho, dirigia-se ao presidente do conselho e dizia-lhe: *Faça calar o rafeiro*. O presidente do conselho, tremendo de medo, apressava-se a apontar-nos o presidio militar de Santarem. E nós, ou nos calavamos, e poderia parecer que Dantas Baracho, o bandido, tinha razão ao accusar-nos de connivencias secretas com o presidente do conselho, ou teriamos de arrastar eternamente... a grilheta dos forçados.

Não! Jamais!

Jamais!

Sabemos bem qual o recurso para ficarmos livre de miseria... se porventura ella chegar. Sabemos bem!

Portanto, não pensamos agora no futuro. Nem nos importa o futuro. Pensamos apenas na extrema consolação de podermos gritar, gritar, gritar até á morte, de morrer a gritar:

N'este paiz de ladrões, n'este paiz de corruptos, n'este paiz de covardes, houve um homem publico, um jornalista, e com merito bastante para poder ser alugado ou comprado, que nunca se vendeu, que nunca se alugou, que nunca roubou, que nunca fraquejou, que nunca estendeu os pulsos aos partidos, algemado, que nunca subordinou a sua consciencia á politica, que nunca metteu as mãos no erario, que não deve nada a esta terra, que não deve nada ao Estado.

Esse homem somos nós.

Ladrões da monarchia, ladrões da republica, quadrilheiros republicanos, quadrilheiros monarchicos:

Esse homem... somos nós!

Diz o sr. José d'Alpoim no *Primeiro de Janeiro:*

"Eu não o affirmo—mas parece, positivamente, que a esta hora, n'este paiz, apenas um senhor absoluto domina e dirige. Esse senhor absoluto chama-se bispo de Beja.„

Ha engano. Esse senhor absoluto chama-se... o herdeiro do Buiça.

A grande quadrilha

A tout seigneur, tout honneur.

Hoje pertence o logar de honra ao Baracho.

E' digno de registo que tendo nós recebido tres cartas, de tres individuos differentes, de tres pontos differentes do paiz, todas ellas digam, no fundo, a mesma coisa. Publicamo-las todas tres por esse simples facto. A circumstancia d'estarem todos d'accordo, sem os signatarios se terem combinado, nem saberem uns dos outros, vivendo até muito longe uns dos outros, prova eluquentemente que são verdadeiros os factos narrados.

Ora vejamos. Primeira carta, por ordem chronologica:

Bem haja a campanha de moralidade que V. vem sustentando no seu *Povo de Aveiro*, pondo a descoberto as pustulas dos grandes desavergonhados, que querem passar por grandes homens e honestos.

Agora tem V. chicoteado o Dantas Baracho, e como eu, por ter estado em Loanda, quando este moralisador sem moral ali esteve como commissario regio para a delimitação da Lunda, conheço algumas das suas proesas, venho tornal-as conhecidas de V. para que as apresente ao publico, que não conhece tão inclito cidadão.

Os factos que apresento, devem estar bem na memoria de quantos vivos que habitaram a nossa Africa Occidental n'aquelle tempo.

Este heroe, servindo-se naturalmente das fanfarronadas com que tem conseguido metter medo a muita gente e principalmente aos nossos governantes, arranjou a ser Commissario Regio para a delimitação da Lunda. Da honestidade com que tal missão foi desempenhada, apenas direi montarem a muitas dezenas de contos réis, os fornecimentos de conservas e outros artigos para tal commissão, constando que só a factura de *Paté de foie gras* e outros acepipes pagos á casa «Morton» custou uns 40 contos de réis. No fornecimento de fazendas e armas, poderia a casa Bensaude dar muito boas informações, se isto lhe não fosse prejudicial. Note que quasi todos os artigos foram depois vendidos em leilão, em Loanda, por menos de metade do custo, e isto porque felizmente na occasião, subiu aos conselhos da corôa, o conselheiro Ferreira do Amaral que conhecedor dos actos de tal Commissario Regio, o mandou retirar, valendo-lhe isso varios insultos de tão preclaro moralão, chegando no seu regresso ao reino a mandar desafiar para duello o ministro da marinha Ferreira do Amaral.

Quer V. agora saber o que fazia em Loanda esse heroe? Andava continuamente bebedo, e não era raro encontral-o no café Paris em verdadeiro estado de embriaguez. Mas ha mais, entretinha-se a fazer relatorios e informações, como se estivesse na Lunda, chegando a datal-os d'ali, isto talvez para apanhar mais alguns cobres, como ajuda de custo.

Houve porém um honesto funccionario e homem de bem, proprietario d'um jornal que se publicava em Loanda, creio que o «Futuro d'Angola», que chamou a attenção de quem competia, para a vida que levava o tal *Dantas Borracho*, como por toda a gente era conhecido, e sabe qual foi a satisfação dada ao publico pelo tal Borracho? Foi esperar á porta do Tribunal da Relação o funccionario, que era o secretario da Relação, Abilio d'Almeida Soares e deu-lhe uma data de bengalada. Note V. que este funccionario era um homem fraco, muito doente e morreu algum tempo depois.

Este homem, pelo seu porte como homem, como funccionario e pela sua intelligencia, pois tinha ali provisão de advogado, deixou em cada pessoa que o conheceu, um dedicado amigo.

Eu mal posso agora recordar as façanhas todas, ali praticadas pelo tal Borracho, mas o jornal de Angola a que me refiro, muita luz podia dar para a biographia do tal patriota.

Desculpe-me V. esta estopada, mas julgo tudo preciso para se fazer o verdadeiro saneamento d'esta sociedade.

Segunda carta, por ordem chronologica:

A commissão do Baracho na provincia de Angola teve por motivo estar crivado de dividas e não ter com que as pagar. Por isso, e por caridade, foi nomeado para essa commissão que se limitou a não ser desempenhada durante 7 mezes que esteve hospedado em Loanda em casa do governador; a fazer mais do que uma requisição de aprestos para ir ao interior a desempenhar-se da missão de que estava encarregado, requisição que importou em 70 contos, dos quaes o governo só pagou 20 por *accommodação* com o negociante a quem tinha sido feita. Tão minuciosa era essa requisição que nem sequer se esqueceu dos penicos ou dos fogões para cosinhar no matto. A hospedagem, segundo parece, tambem não lhe custou coisa alguma. Por *cada dia* que esteve n'essa commissão, durante os taes 7 mezes, venceu 36$000 reis!

Terceira carta, por ordem chronologica;

A proposito do famoso amigo e collaborador do *Immundo*, general Dantas Baracho, passo a contar a V. o que se deu com este official em Loanda, ha de haver talvez 18 annos.

A pretexto de syndicar os serviços publicos dos concelhos do interior da provincia d'Angola e conhecer das suas necessidades, foi nomeado Dantas Baracho commissario régio, com grossos vencimentos, superiores aos do governador geral da Provincia.

Chegado a Loanda tratou logo de requisitar material e pessoal para a sua missão de paz, mas o material requisitado era tão caro e avultado, que o governador geral hesitou em adquiri-lo, e para isso consultou o ministerio da marinha, que resolveu por fim mandar recolher ao reino o Dantas Baracho.

Entretanto Dantas Baracho passava uma vida de pagode e de prazer em Loanda, vencendo, durante quasi um anno, os grossos vencimentos sem nada fazer.

Esta situação era na verdade escandalosa, e tanto assim o entendeu um jornal da cidade de Loanda, que nas suas columnas censurou a situação escandalosa de Dantas Baracho, classificando-a de um verdadeiro cancro para os cofres da provincia.

Pois sabe V. o que fez Dantas Baracho?—Como se achava hospedado no palacio do governador geral, e o redactor e proprietario do jornal, que o atacava na sua vida publica, era um empregado n'uma repartição publica fronteira ao palacio do governador, atravessou um dia a rua e munido de uma grossa bengala, quando o referido empregado publico e redactor do jornal que o censurou, sahia tranquillamente da sua repartição, cahiu-lhe em cima, dando-lhe uma sova de bengaladas, tudo isto praticado na presença dos soldados da guarda do palacio e alguns individuos civis. Ora este mesmo Dantas Baracho censurou por vezes com vehemencia os entraves á liberdade da imprensa na camara dos pares. Liberdade para elle e a corja republiqueira escrever o que quizer, para os outros que o ataquem, cacete e bengaladas.

O funccionario que levou as bengaladas é que fez mal em não puxar por um revolver e estender o maroto. Era o seu dever. Um jornalista que zela os cofres e o decoro publico é como um homem que zela os cofres e o decoro da sua casa. Se quem rouba ainda em cima salta á tapona ao roubado porque o roubado o censura indicou ao roubado o unico caminho a seguir n'essas circumstancias: puxar por um revolver e estender morto aquelle que não contente de roubar ainda tem a audacia de pretender que lhe calem e lhe respeitem o roubo.

Esta é a moral e a ... justiça.

Agora esta notasinha sobre os de Braga:

Como leitor assiduo do «Povo d'Aveiro», jornal que V. tão distinctamente redige, venho por este meio felicital-o pela destemida coragem com que se defronta com essa corja de energumenos que em Portugal é conhecida pela grande quadrilha republicana. Aproveito a occasião para lhe mandar d'aqui algumas informações sobre a corja republiqueira bracarense que decerto apreciará. Principio pelo *santo* cá da grei, pois já tem altar na praça Municipal e dá pelo nome de Manoel Monteiro. Rapaz ainda e bastante sympathico mas falto da educação precisa para dirigir a *juventude* que está sob os seus cuidados. A seguir apparece o celebre «Bento Frade», muito conhecido pelo odio que vota aos jesuitas só para que o seu nome não esteja em discordancia com a doutrina dos «bentinhos» de Montariol.

Pae conhecido d'um pasquim que pôr aqui bolsa calumnias á falta d'argumentos.

Depois vem o «Palma da electrica» que empalma dinheiro á esposa para depois fugir-lhe com a sobrinha. N'um tal Manoel Couto nem sequer lhe falo, pois que é um desgraçado que anda a viver d'expedientes, e que agora, dizem, está á frente do pasquim, á falta d'homens. Egual sorte merece o «Visconde da Garlópa», individuo sem cotação alguma mesmo depois de sahir de Villa Fernando, onde foi educado. Como este, temos por cá muitos, todos elles pertencentes á ultima ralé. Esquecia-me falar-lhe no Abilio Corrêa, aspirante a tribuno de balcão, e anarchista d'alto lá com elle! O Simões d'Almeida agora já não parece o mesmo! Anda cabisbaixo, pois vê que lhe fojem os freguezes! Na loja de louças, o seu negocio limita-se á venda de papoilinhas que os marçanos serão obrigados a trazer ao domingo. Depois o hotel dá-lhe que fazer!

Já me esquecia fallar-lhe no João de Freitas, (dr.). Esse é que me sahiu um pantomineiro de força. Aqui em Braga dizia que era livre-pensador, etc., chegando a haver quasi um conflicto no lyceu por occasião da posse por não querer jurar sobre os Evangelhos. Agora o *amiguinho* casa no Porto... civil e religiosamente!!!...

E são estes os propagandistas do registo civil! Dê-lhes para baixo que o que elles precisam é de *porrada e agua á jarra*.

Emfim, esta cantharida, para finalisar, por hoje:

O *Pulha* que dá pelo nome de Aurelio Netto, é mais do que v. diz. E' um indecente que batia na mulher, arrancava-lhe os cabellos, pisava-a e em seguida obrigava-a a ir passeiar com elle para fazer vêr ao mundo que se davam muito bem.

Esse pulha que desgraçou essa senhora, dizem que a obrigava a acções baixas, queria abusar d'ella como uma prostituta, queixando-se ella a algumas pessoas das lascivias d'aquelle bruto.

Da mãe já o seu *Povo* contou que lhe attentou contra o pudor; é um indecente e parece incrivel que Abrantes e os socios de Monte Pio não vejam que pharmaceutico arranjaram para a pharmacia. Ella tem obrigação de estar aberta das 12 ás 2, pois o figurão vae para a caça e fica um aprendiz de barbeiro de 11 annos a tomar conta na pharmacia. E' um republicano que accusou um sargento já fallecido ao commandante de ser republicano, é um caloteiro que a todos fica a dever dinheiro, é um malandro, desanque-o no seu jornal, e o nome que lhe deve pôr é o de *Trinta*, o *Gago*, pois elle gagueja quando está exaltado.

Com respeito ao pae, dono do *Jornal d'Abrantes*, esse foi um reles caixeiro de taberna no Porto, depois foi-o de uma casa de batota, e depois uns parentes fizeram-no pharmaceutico.

Foi empregado do montepio, falsificou a escripturação, valendo-lhe o não ser preso o pae do dr. Solano d'Abreu, pagando mais tarde isso com couces. Um individuo foi para o Brazil e deixou-lhe uma procuração para vender 2 predios, pois o malandro vendeu-os bem vendidos e mandou-lhe dinheiro só d'um. E' um canalha, é um malandro, um porco gordo que leva a vida a dormir. E qualquer dia talvez o informe d'umas scenas que hão de dar muito que fallar, não só d'elle, mas d'outros.

E' esse o malandro que chama pulha ao *Povo de Aveiro*.

Este typo tem sociedade na typographia, praza aos céos que a sociedade termine, para a gente saber depois algumas coisas.

Isto tudo é verdade, e póde-se informar com o snr. L. M., com o snr. C., que são assignantes do seu jornal e elles lhe dirão que tudo isto é verdade.

E continuaremos, continuaremos. Ainda a procissão não vae na praça.

Justiça a todos

Escrevem-nos:

Como velho revoltado que sou contra todas as calumnias venho desfazer uma que o *engraçado* Camacho fez correr mundo. N'um dos sueltos de *A Lucta* do mez findo e com a epigraphe *Pro domo sua* lê-se:

"O sr. D. Manuel, socio da União dos Viticultores, prorogou as côrtes por mais uns dias, o tempo bastante para ser votado o projecto que interessa á sua cooperativa.

Vê S. M. o seu dinheiro mal parado e trata de lhe acudir como pode. E' correcto como viticultor; como chefe do Estado deixa muito a desejar. Tão novo e já com tanto talento!...„

E' claro que quem lêr isto julgará que serão 20, 30, 40 ou 100 contos a quantia com que o rei subscreveu para a União dos Viticultores, visto que no dizer do *engraçado* Camacho prorogou as côrtes para ser votado o projecto que lhe garante o *dinheiro*. Quer V. e o publico saber qual é o *dinheiro* que o rei tinha *mal parado* como socio da Cooperativa Vinicola?

São, e isto é absolutamente verdadeiro como todos podem verificar na lista dos subscriptores da Cooperativa, duzentos e cincoenta mil réis (por extenso para não haver equivocos) e vinte e cinco mil litros de vinho!!! Ora segundo diz o *engraçado* Camacho foi para salvar este *dinheirão* que o rei (um rapaz de vinte annos e rei porque os socios dos Camachos lhe mataram o pae e o irmão) fez uma prorogação de côrtes!!

Então que quer? Mas o Camacho não se esquece de defender com unhas e dentes o celebre regimen dos cereaes, que já foi classificado, e muito bem... como regimen *da fome*.

Porque diabo será que o Camacho defende tão calorosamente o.... *regimen da fome?*

O rei, dizem n'essa carta, tem só 250$000 réis na *Cooperativa Vinicola*. Mas se tivesse 250 contos não fazia, defendendo os seus interesses de viticultor, nem mais nem menos que fez o Camacho defendendo... os seus interesses de lavrador.

Uns pandegos! Uns grandes pandegos!

Chora-lhe, Chora-lhe

O *Cornetim da Margarida* apoquenta-se porque o *Povo de Aveiro* é muito lido em Lisboa. E', sim senhor. Só a tabacaria Monaco vende todas as semanas 500 exemplares. Tem vendido. Ou antes, vende esta semana. Provavelmente para a outra vende 600. Para a outra, a seguinte, venderá 650 ou 700. E assim successivamente.

Todas as semanas, dizemos? todas as segundas-feiras. A' terça, em regra, já cá temos bilhete postal a pedir mais. Pedido que quasi sempre se repete durante a semana.

Isto só na tabacaria Monaco. Mas o *Povo de Aveiro* vende-se em *nove* casas differentes, em Lisboa. E vendendo as outras menos que a tabacaria Monaco, ainda assim *vendem muito.* E vendem *tudo.* Não ha *um* exemplar de sobra. Calcule-se por aqui o que é a venda avulso do *Povo de Aveiro* em Lisboa!

A vintem o exemplar, meus meninos. Meus meninos do *Mundo.* A vintem o exemplar, sendo dez réis o preço geral, o preço habitual de todas as gazetas, o preço introduzido nos costumes. Note-se que ainda ha que reagir contra os costumes. E isso significa muito.

A vintem o exemplar. Vejam que successo, meus meninos. Vejam! E chorem-lhe, chorem-lhe, que teem razão para isso.

E as assignaturas? Ainda ha que juntar a essa importante venda avulso perto de 500 assignaturas em Lisboa. Hein? No foco do republicanismo. Isto tudo só em Lisboa. O *Povo de Aveiro* tirará em pouco vinte mil exemplares. Esperamos em Deus que não tardará a exceder a tiragem do *Cornetim da Margarida.* Ficará sendo o jornal nacional, por excellencia.

Nunca um jornal semanal obteve tal successo, nem coisa que se parecesse. Attendendo á sua qualidade de semanario, e de semanario da provincia, pode-se mesmo dizer que é o maior successo jornalistico que tem havido até hoje em Portugal. E a quem se deve isto? Aos republicanos. A's boas obras dos republicanos. A' boa estima que essas obras dispertam em toda a terra portugueza.

Sobe a venda avulso em Lisboa. E sobem as assignaturas dia a dia. Porque ha uma coisa engraçadissima: os republicanos accusam os monarchicos de lerem o *Povo de Aveiro*, e os que não são republicanos, os indifferentes á politica, os inimigos da politica, os monarchicos, os socialistas, os anarchistas, que toda essa gente lê o *Povo de Aveiro*, accusam os republicanos de *abafarem* o *Povo de Aveiro* logo que elle chega a Lisboa. Temos aqui muitas cartas de Lisboa em que os signatarios nos dizem que pedem a assignatura do jornal por esse motivo. O *Povo de Aveiro* chega a Lisboa e desapparece logo. Fica muita gente sem o ler. Ora para evitar isso, assigna-o muita gente E assim sobe a venda avulso e, ao mesmo tempo, as assignaturas.

Desapparece logo que chega a Lisboa, porque, dizem, os republicanos se apressam a compra-lo a fim de que não sejam lidas as suas trepas formidaveis, as suas grandes verdades. Não o suppomos. Suppomos antes que desapparece porque a procura é muito maior que a offerta. Ainda é muito pequeno o numero d'exemplares que vão para Lisboa em relação ás pessoas que procuram o jornal. E' o que suppomos. Mas, seja como fôr, o facto é que os republicanos dizem que são os monarchicos que o leem, e os que não são republicanos dizem que são os republicanos que o furtam á circulação. A verdade é que todos o leem, monarchicos, republicanos, individuos extranhos aos partidos, mas odiando os partidos, socialistas, anarchistas. Todos o lêem. Essa é que é a verdade. E desapparece logo que chega a Lisboa, logo que chega a toda a parte, exgotta-se, vende-se tudo, que é o facto dos factos.

A quem se deve isso? A quem? Aos republicanos. A's suas boas obras. A' estima publica que, de norte a sul, de leste a oeste, se manifesta por elles e por ellas.

Não se lembram de nós lhes dizermos que estavamos morto que fizessem a republica para ganharmos rios de dinheiro? Nós dissemos-lh'o muita vez. Muita vez! Está ahi o *Povo de Aveiro* para o provar. Elles diziam que a proclamação da republica seria para nós um prejuizo, e que, por isso, a contrariavamos. Respondiamos sempre: «Enganam-se. Por esse lado só temos a ganhar. Por esse lado muito estimariamos que a proclamassem. A proclamação da republica representa para nós uma fortuna pessoal. Proclamada a republica, fundamos immediatamente um diario em Lisboa. E a combater as asneiras e os crimes da republica ganhamos torrentes de dinheiro.»

Nós dissémos isto *muita vez.* E que diziamos a verdade, e que previamos muito bem os acontecimentos, está-se vendo desde já. Não foi preciso vir a republica, não foi preciso fundarmos um diario para que as asneiras e os crimes dos republicanos nos dessem um successo jornalistico. Tivemo-lo antes de vir a republica e com um semanario de provincia. Não ganhámos, não ganharemos torrentes de dinheiro, como na hypothese referida ganhariamos. Isso não. Mas, emfim, vae-se vivendo.

De resto, que sejam os franquistas ou que sejam os nacionalistas quem nos leia, é-nos indifferente. Indifferente, não dizemos bem. Entre os franquistas, entre os nacionalistas ha muita gente honrada. São talvez os grupos politicos que teem mais gente honrada em Portugal. E o que nós queremos é ser lido por gente honrada. Portanto, que nos leia a gente honrada. E seja ella miguelista, seja da monarchia constitucional, seja da republica, seja do socialismo, seja do anarchismo, seja do que fôr. Ha dias escreviam-nos um amigo a pedir-nos que levantassemos uma bandeira republicana á sombra da qual se podessem acolher os republicanos honestos que ainda havia n'esta terra. Não conhece o partido republicano, já vemos. No partido republicano não ha um só homem com energia moral para repellir abertamenta a cambada que envergonha esse partido. Um só homem! Todos murmuram. Todos se lamentam. Mas baixinho. Para repellir abertamente a cambada, para ver que, alem d'uma ignominia, éssa cambada representa mesmo um grande desastre partidario, sendo indispensavel esmagala, não ha ninguem no partido republicano com envergadura intellectual e com envergadura moral. Ninguem. Ficam todos presos ás *conveniencias*, ás *praxes*, ao *medo do escandalo*, a gritar *é o diabo, é o diabo,* e, entrementes, a canalha domina, como tem dominado e como ha de dominar sempre. Não conhece, já vemos, o partido republicano. Aqui só ha um recurso: é juntarem-se os homens honestos de todos os partidos para uma grande obra de educação nacional. Sem programmas, sem pactos, sem agremiações; que ponha cada um o maximo da sua energia e o maximo da sua intelligencia em espalhar e affirmar os bons principios, na mais absoluta intransigencia com o relaxamento, com a desordem, com a especulação, com o pulhismo. E veremos como a educação nacional apparece melhorada *sem se saber como.*

E' o unico processo. A obra da educação nacional ha de ser obra de todos. Não ha de ser obra de nenhum partido, nem de nenhum governo. Ou nos pomos todos, por um impeto natural, por um acto espontaneo da nossa intelligencia, a reagir contra o vicio e a praticar systematicamente os bons principios, ou não se faz coisa nenhuma.

Este é o nosso modo de ver. E ficamos muito convencido de que é o unico acertado.

Amigos do Povo

Escrevem-nos:

V. sabe, como o sabe toda a gente, que as Cosinhas Economicas d'esta cidade teem sido mantidas por um grupo de senhoras e especialmente pela sua saudosa ex-presidenta senhora Duqueza de Palmella, que de seu bolso cobria todos os annos os *deficits* na importancia de... contos de réis.

Pois um jornal republicano, creio que a *Lucta*, dizia ha dias: "Philantropia reaccionaria.—Dizem as tubas da reacção que a nobre e *benemerita* sociedade das Cosinhas Economicas resolveu prestar homenagem á memoria da senhora Duqueza de Palmella, collocando a senhora Marqueza do Fayal, filha da illustre titular extincta, na presidencia, e conservando abertas todas as casas da referida Sociedade.

A resolução de conservar abertos estabelecimentos *cujos lucros engordam os coios jesuiticos* fazendo concorrencia desleal ao commercio lícito (sic) da especialidade, é uma homenagem *facil* e *lucrativa.* Farelorio jesuitico para pacovio vêr.„

Onde encontrará este alma do Diabo, esses lucros que dão as Cosinhas Economicas?!... Onde encontrará este alma de... monturo quem assim favoreça os pobres, os deshérdados da sorte?!... Terá o escriba alguma casa de hospedes?!

Se este... patife ao menos nos dissesse onde a pobresa podésse ir comer em condições eguaes de qualidade e preço das Cosinhas Economicas!!... Como isto mette nojo! Como isto envilece!...

Que me diz V. a estes... *amiguinhos do povo*, explorando com a miseria do mesmo povo?!

Digo-lhe que não lemos a *Lucta.* Não vimos esse suelto na *Lucta.* Mas se foi o Camacho que o escreveu o Camacho é coherente.

Não é elle defensor *enragé* do regimen dos cereaes... *a lei da fome?*

O homem é coherente.

Depois, se o povo estiver farto, que vem cá fazer a republica? E' preciso que a republica encontre o povinho a estalar de fome para depois... haver differença.

Que se retire a senhora Marqueza do Fayal. Que experimente. Juramos em como os republicanos, vindo a republica, lhe vão pedir em commissão para restabelecer... as cosinhas economicas. E apanha a benção de Bernardino.

Ora que experimente.

POLITICA RELIGIOSA

Segundo o *Cornetim da Margarida, a repugante politica religiosa* que se está fazendo em Portugal *é um incomparavel elemento de propaganda anti-religiosa.*

Pois é claro. A revolta dos padres contra o *Mundo*, em especial, e contra a republica, em geral, já deu em resultado Jesus vir dar o braço a Bernardino. O resto... segue-se.

Se o proprio Jesus se irritou, não admira que o padre eterno se resolva... a fazer a republica.

Simplesmente, não se comprehende que os republicanos, em vez de estarem muito agradecidos aos padres, andem tão irritados contra elles.

Que Malandro!

No *Mundo*, de 2 do corrente, dizia o malandro do Cunha e Costa:

"Entre a preparação democratica do povo hespanhol e do povo portuguez ha uma differença profunda...

Apesar do nosso analphabetismo, a altura média do povo portuguez é muito superior á do povo hespanhol e infinitamente superior á sua educação civica.„

Este malandro gradua a *capacidade* do povo portuguez pelas suas ambições. Ha signaes de republica? O povo portuguez é um povo intelligente, valente e patriota. Não ha signaes de republica? Perderam-se as esperanças? Então o povo é...

Ora vejam.

Vejam! Vejam!

Eis o que elle dizia n'um artigo publicado n'este *Povo de Aveiro,* em 15 de junho de 1890:

E o povo tolera isto! E o povo consente esta abjecção! E o povo não protesta! E o povo não se levanta! E o povo não expulsa estes Tartufos! E o povo deixa perder as possessões africanas! E o povo estende o pescoço á canga! E o povo paga os impostos que lhe exigem!

Ah! Povo idiota, povo imbecil, povo desmoralisado, povo corrupto, povo poltrão, povo cobarde, povo sem honra! Vae fiar antes e deixa que as mulheres peguem em armas para defenderem o sólo patrio dos inimigos de fóra e sobretudo dos inimigos de dentro.

Tal governo, tal povo!

Nada te move! a tudo resistes. Não ha abjecção que te faça córar, affronta que te faça empallidecer de raiva! Como assentariam bem sobre o teu dorso de boi manso e ethico as pontas de ferro do knout, a chibata da marinha ingleza, o azorrague do mercador de carne humana ou a golilha do escravo!

Fazes bem em não querer conquistar o pão que te roubam. Tu foste feito para a herva!

Toda a gente percebeu que n'esta altura o mariola estava desanimado sobre... a proclamação da republica.

Approximou-se o 31 de janeiro e o povo voltou a ser uma delicia. Mas passa o 31 de janeiro, vão passadas com elle as esperanças e em 11 de fevereiro de 1893 o malandro definia outra vez o paiz, o povo portuguez, por esta forma, na *Voz Publica.*

Todos os dias gastamos um tempo precioso no jornalismo republicano a extrahir a catarata a esse bando de inertes *que constitue o paiz* (o italico é nosso.) Tempo perdido, não ha que duvidar. Tempo que, com melhor proveito para todos poderiamos consumir nos nossos gabinetes de trabalho nas luminosas cogitações da sciencia ou no estudo dos gran-problemas que interessam a humanidade culta e *não de todo morta* para a vida do Futuro.

Paiz sem honra, nem brio, nem dignidade, nem civismo, nem sentimento de patria e de nacionalidade, terra de poltrões, tremendo da propria sombra, fugindo de tudo e de todos, elevando a covardia á altura d'um principio e conferindo á desvergonha os fóros d'uma instituição...

Paiz que nem a fome desperta, nem o azorrague emociona. Paiz que resiste ao assalto ao ventre e ao *peixe espada ás orelhas.* Paiz onde *nem um só factor da vida social dos grandes povos resta ainda.* Paiz sem ideaes politicos, sem ideal artistico, sem o culto do bello. Paiz onde, em cada cem habitantes, *oitenta e seis não sabem ler, quatro soletram, cinco treslêem E O RESTO ASSIGNA O ILLUSTRADO E AS NOVIDADES...*

Que será feito de tudo isto? Que futuro aguardará esta terra? Que haverá a aproveitar n'estes escombros? Que elementos de vitalidade existem porventura ainda no seio d'este tremedal? Ninguem sabe, ninguem presume!... Ha largos annos que, sem medo ao carcere e ás multas, prosegue (a imprensa republicana) altivamente a missão que um dia se impoz. Em vão!... E' tudo lodo e pus... Sangue é que não. Só pelo nariz!...

Que malandro! Que grande malandro!

Foi para o Brazil. Veio do Brazil em 19 de fevereiro de 1905, estando elle já em Portugal, de regresso, lia-se isto no *Povo de Aveiro:*

Mão anonyma, mas atilada, manda-nos um exemplar da *Voz Publica*, jornal que não lêmos, de 8 de fevereiro, com um artigo marcado, em 1.ª pagina, sob a epigraphe *Carteira d'um jornalista,* onde o famigerado, decantado, nunca esquecido Cunha e Costa, escreve e assigna varias coisas, entre ellas estas:

«Ando ha muitos annos extranho á politica, absolutamente descrente dos partidos e do povo, indifferente ao problema da fórma do governo, e só as grandes questões sociaes conseguem ainda distrair-me dos deveres da minha profissão e dos assumptos artisticos que particularmente me captivam. Mas o sentimento de indignação que ante-hontem se apoderou de quantos presenciaram as arbitrariedades da policia tambem me tocou pela porta. Ha indignidades que teem o condão de irritar os temperamentos mais fleugmaticos e os espiritos mais scepticos. Essa, por exemplo. E creio bem que dos actos dementados de ante-hontem resulta para os candidatos republicanos augmento, não pequeno, de suffragios. Eu, por exemplo, que não estou recenseado, se o estivesse votaria de chapa nos candidatos do partido.

Como eu, ha centenares de cidadãos portuguezes afastados da politica e que serão, mau grado seu, obrigados a voltar a ella, auxiliando, naturalmente, os partidos avançados. E é a monarchia que empurra para o caminho da lucta quem só lhe pedia que os deixasse em paz e socego. O que se está passando em materia de liberdades publicas excede os extremos da tolerancia e indifferença geraes. E' mais do que afrontoso: é indecente. Cada um de nós, sob pena de deixar de ser *um homem,* tem de sahir do cantinho, sacrificar um pouco os seus interesses e contribuir, como poder e souber, para a liquidação d'esta infindavel patuscada.»

Como isto está pôdre!

Anda o cidadão, a quem no Porto chamavam d'antes o *S. Paulo da democracia,* e que todo o Porto conhece como uma especie de Thiago minusculo d'esta porca tragedia nacional, *ha muitos annos extranho á politica, absolutamente descrente dos partidos e do povo, indifferente ao problema da fórma de governo. Mas, mau grado seu, é obrigado a voltar á politica,* **auxiliando, naturalmente os partidos avançados.**

Aqui d'el-rei! Aqui d'el-rei!

Caramba! Contra estes marotos, que veem, naturalmente, *auxiliar os partidos avançados,* ainda é licito gritar: Aqui d'el-rei!

Que anda absolutamente descrente dos partidos e do povo! Já não seria licito admittir que o figurão se declarasse descrente do partido republicano, que elle desacreditou mais do que ninguem. Mas do povo! Absolutamente descrente do povo!

O desavergonhado!

Qual será, porém, peor, elle ou quem quer que seja da *Voz Publica* que lhe publica aquillo?

Qual será peor?

Taes eram uns como eram outros.

Que malandros, que malandros!

Cheirava-lhe outra vez a republica, o malandro preparava-se para o assalto.

O que vale é que elle definia-se a si proprio no *Povo de Aveiro* de 24 d'agosto de 1890.

Ora vejam:

E o ex-ministro em questão é um apostata: pertence á hedionda camarilha dos especuladores sem principios, sem fé e sem crenças; entes sem escrupulos, sacrificando ámanhã ao Bezerro de Ouro, as affirmações mais cathegoricas e respeitaveis da vespera; incoherentes, pretenciosos, prenhes de ambições que só a mesa do orçamento, vacca leiteira de uberes turgidos, póde saciar; cerebros sem orientação definida, formados com a leitura do *Diario das Camaras,* as lições de bilontragem dos politicos velhos de patifaria emerita e os expedientes sem pudor da *degringolade monarchica,* intelligencias que o servilismo destemperou; dôrsos a que a curvatura permanente deu attitudes disformes; caracteres que se compram por uma *placa,* preço de bordel e cotação de politico; oradores que transformam a eloquencia, o mais bello meio de convencer, no sophisma, arte de enganar; jornalistas para quem o seu nobre mister é apenas uma funcção mechanica e cujas opiniões são sempre ditadas pelo prestigio infallivel da libra esterlina; cortezãos que consideram pura e simplesmente o beija-mão como o antecedente logico do beija-cú e que experimentariam uma sensação deliciosa em percorrer com a lingua em titilações caprichosas as nadegas roliças de qualquer monarcha papudo; **capachos de pé,** na phrase de Guerra Junqueiro; farçantes sem vergonha; truões descarados; capazes de todos os acrobatismos na corda bamba do impudor; reproduzindo-se como o escalracho e sugando como a sanguesuga.

Era elle! Era elle! Que completava o seu retrato no *Povo de Aveiro* de 14 de setembro de 1890:

Entre nós abunda o genero **traficante politico.** Ha-os em todas as classes e em todas as situações; entre os que disfructam grossas prebendas e os que auferem magros ordenados; entre o chapéo fino e o côco amassado, a sobrecasaca correcta e a quinzena em fio. Unidos pelos laços da mais cordeal velhacaria, os membros d'esta legião parasitaria estabeleceram entre si uma hierarchia de cynismo em que os mais respeitados são por via de regra os menos escrupulosos, constituindo a **aristocracia** da camarilha. O resto, formiga, agita-se, calumnia, infama, envenena reputações, é instrumento de odios mesquinhos, cultiva a perfidia, desconhece o valor de um caracter e entrega-se, por amor da ambição, aos misteres mais vis, ás funcções mais abjectas, ao sabujismo mais torpe, sempre que tal procedimento possa trazer-lhe o plethoro da panca, desideratum supremo!

Fica assim admiravelmente retratado. Era elle precisamente o melhor exemplar do... traficante politico.

A Reacção

Andam muito afflictas as gazetas republicanas, *Mundo* á frente, com os progressos da reacção. O *Cornetim da Margarida* até appella já para o auxilio do partido regenerador e do partido progressista.

Mas então onde ficou a força da grande quadrilha republicana? Que diabo, parece-nos que a circumstancia da *reacção erguer* o collo, só deveria ser motivo de alegria para os republicanos.

Mas não é. A verdade é que não é. Os homens andam murchos. Mallogrou-se o movimento *anti-jesuitico*, mallogrou-se o Pro Ferrer, mallogrou-se tudo.

Man signal, mau signal!

Decididamente, os tempos não correm propicios para... *os margaridos.*

Dantas...

Promettemos no domingo demonstrar hoje qual o verdadeiro motivo do odio de Dantas Baracho contra nós. A razão é a mesma que explica o o odio de Bombardino Rachado. A nossa independencia, o nosso amor da verdade a chocarem-se com aquelles odres de vaidade!

Porque se o Rachado é um odre de vaidade não o é menos o Baracho.

Ora vejamos.

Baracho fez uns discursos na camara dos pares, que colligiu em folheto e mandou distribuir por esse paiz fóra. Não sabemos porquê, Baracho tinha especial empenho em que o *Povo de Aveiro* apreciasse a sua obra. Favoravelmente, é claro. Não o fizemos, não por má vontade contra o homem, mas pelo mesmo motivo porque o não fazemos a ninguem: por falta de tempo na occasião. Depois... passa a opportunidade.

Ainda assim, passado tempo, em 19 d'outubro de 1904, referimo-nos a esses discursos em um artigo no geral favoravel ao homem. Não queriamos ir abertamente contra a opinião republicana que acolhia Baracho como uma grande esperança no campo revoluciocario militar. E, então, dando-lhe uma no *cravo* e *outra na ferradura,* como costumavamos fazer ao Bombardino Rachado, ainda lhe fizemos fartos elogios, muitos mais do que elle merecia.

Pois não gostou. Como não eram elogios *incondicionaes*, não gostou. São todos a mesma coisa!

O *Mundo*, já n'essa epocha orgão da Margarida e do Baracho, costumava registar apressadamente todos os elogios em honra do seu idolo militar. Pois não registou os do *Povo de Aveiro*, o que causou extranheza a varias pessoas, vindo, em consequencia d'isso, a carta que, sob o titulo *Alerta,* em 16 d'outubro, no domingo seguinte, publicavamos. Eis o que n'esse dia o *Povo de Aveiro* publicou sobre Baracho.

Mão desconhecida, que se vê ser de pessoa atilada e a *par do que se passa,* escreve e manda-nos, a carta que se segue:

Sr. redactor

O *Mundo* tem, como toda a gente sabe, relações muito intimas com o sr. Dantas Baracho. Como consequencia d'essas relações, o diario republicano apressa-se sempre a transcrever, ou registar, todas as referencias elogiosas áquelle general. Porque seria que o *Mundo* fez uma excepção para o artigo do ultimo numero do *Povo de Aveiro?*

E' caso! Mas grande caso! E' verdade, sr. redactor, é grande caso! Mas grande caso que me não surprehendeu só a mim; que surprehendeu muitos outros republicanos.

Posso garantir-lhe que os amigos do sr. Dantas Baracho tinham, não ha muito tempo ainda, especial empenho em obter do seu jornal uma referencia importante ao folheto onde foram colligidos os discursos do illustre militar.

De que provem, então, um tal silencio, depois de feita a referencia?

O *Mundo* recebeu o *Povo de Aveiro* na ultima segunda-feira. No dia immediato, terça, fazia o mesmo *Mundo* uma referencia a um louvor ao snr. Baracho escripto pelo sr. dr. João de Menezes no *Norte.* Porque não aproveitou o *Mundo* a occasião para citar, ao menos, o artigo do *Povo de Aveiro?*

Seria porque o *Povo de Aveiro* teve o cuidado de lembrar ao sr. Dantas Baracho que já não ha logar para *illusões* nem para *sophismas,* isto é, que inutil se torna tentar fazer *reconsiderar* a monarchia?

Olá, olá que o caso é sério! Muito sério! Não para os imbecis, evidentemente, mas para os que pensam e teem amor aos principios republicanos e ao seu paiz.

Se o artigo do *Povo de Aveiro* tivesse sido tolamente escripto, eram capazes de fazer uma edição especial do *Mundo* para o transcrever. Mas como estava escripto com ponderação e habilidade, salvando os principios republicanos, silencio profundo.

Ora bem. N'esse caso indispensavel se torna que v., sr. redactor, torne a dizer que é inutil *tentar levar a monarchia a bom caminho;* que é um erro gastar forças e fazer esforços n'esse sentido; que nós precisamos muito de homens com as qualidades viris do sr. Dantas Baracho, *mas não pondo de parte a questão de instituições.* Emfim, *que ou republica, ou nada.*

Como bom republicano que sou, sr. redactor, eu desejaria muito, para honra e prestigio dos principios que professo, que os meus correligionarios não fossem novamente *codilhados.* Teem-o sido tanta vez...

Por isso peço a v., que toda a vida soube prever esses *codilhos,* que nunca deixou de os combater, que conserva hasteada e bem firme a bandeira da democracia pura, peço a v. que esteja álerta, que estimule os que fraquejam e que desperte os que dormem.

A'lerta!

A'lerta!

De v.

Antigo assigante e leitor.

Em 24 de setembro de 1905, sob o titulo *Tenham cuidado,* escreviamos:

Um grupo de *liberaes* vae dar um jantar ao sr. Dantas Baracho. Ora não é um grupo de liberaes. E' um grupo de republicanos. Ou, pelo menos, a iniciativa partiu dos republicanos. Ou — ultima hypothese — se não partiu dos republicanos são elles os que dão toda a força á manifestação, e que em volta d'ella fazem toda a propaganda.

Valha-os Deus!

E' certo que o sr. Dantas Baracho tem mantido na camara dos pares uma attitude até certo ponto sympathica. Mas é certo tambem que os republicanos estão fartos de decepções, de desillusões, de *codilhos,* e que a experiencia, se elles não constituissem um bando de *meninos,* os deveria ter tornado reservados e prudentes. O sr. Dantas Baracho persiste em se considerar monarchico, n'um paiz em que, para todos os homens que alliam um forte caracter a uma séria intelligencia, não ha duvidas nenhumas que a monarchia constitucional representa uma burla, uma verdadeira burla. O sr. Dantas Baracho persiste em se considerar afastado de todos os partidos, sem uma declaração cathegorica de que esse afastamento é definitivo, e de que representa o repudio formal de toda a solução monarchica.

O sr. Dantas Baracho podia ser um republicano independente, e comprehendia-se muito bem n'essa situação. Mas ninguem o comprehende na situação de monarchico independente. O que espera? O que pretende? Crê ainda nas vantagens da monarchia? Está confiado em que a monarchia ainda póde ser um elemento de evolução, isto é, de progresso e de civilisação em Portugal? Evidentemente, d'outra fórma, sendo o sr. Baracho, como é, um homem decidido, deixaria de ser monarchico. Mas os republicanos crêem precisamente o contrario! Mas os republicanos não téem, de fórma nenhuma, a confiança que anima e alenta o sr. Baracho! D'onde vem então, — o que o explica, o que o justifica — esse namoro apaixonado em que andam republicanos e Baracho?

Este partido republicano é o namorador mais impenitente que tem apparecido em Portugal. Mas namorador infeliz. Todas as beldades, a certa altura, lhe *passam o pé.* Ou, por outra, todas se riem d'elle. Nenhuma se deixa *conquistar.* Nenhuma o toma a sério. A peor coisa que pode acontecer a um galanteador de officio!

E' que as *beldades* não gostam, nem nunca gostaram, *de amores platonicos;* de namoradores que fazem *versos á lua.* D'esses, troçam. O encanto d'ellas são os que, á terceira ou quarta vez, lhes escalam a janella com audacia, e entram para dentro. Se os veem a gargarejar muito tempo, *muito respeitadores,* poetas apaixonados, mas *inoffensivos,* dão-lhes com a porta na cara e não os tornam a encarar, — irritadas pelo tempo perdido — sem um ar de desdem e troça cruel, ou sem o mais fulminante desprezo. E mau é o namorado, crear fama de *nephelibata.* Não torna mais a encontrar mulher que não troce d'elle.

As damas dão o cavaquinho por homens atrevidos e um tudo-nada insolentes.

O partido republicano tem namorado *meio cento* e tem ficado embevecido deante dos acenos d'outro *meio cento.* Em elle vendo figurão monarchico fazer-lhe uma festinha fica logo babadinho de todo! Babou-se por Barjona de Freitas. Babou-se por Fuschini. Babou-se pelo sr. Dias Ferreira. Babou-se por Saraiva de Carvalho. Babou-se pelo sr. Marianno de Carvalho. Babou-se por Emygdio Navarro. Babou-se por Antonio Ennes. E por muitos mais. Por muitos mais. Até pelo sr. João Franco! Muitos republicanos ainda estão confiados em que, afinal, quem ha de proclamar a Republica ha de ser o sr. João Franco!

Mas — coitado do pobre partido republicano! — todos lhe tem dicto adeus, no fim, com a *mão fechada.* E elle impenitente, sempre, sempre, a arranjar novos namoros. Sempre, sempre, com a mania ridicula de conquistar.

Safa, que é palerma!

Isto é, com o sr. Fuschini parece que sempre se chegou a mais alguma coisa. Com esse quer-nos parecer que ha *mancebia.* Mas... que *infidelidades,* que *infidelidades!* Ainda ahi o partido republicano continuou o seu *triste sesiro* de namorador infeliz. De tal sorte, que só se poderá salvar dos risos do mundo repetindo a despedida espirituosa d'aquelle famoso jornalista, que punha na rua a amante extravagante e cheia de caprichos, dizendo-lhe: "Para amante és muito... *infiel;* (troca-se aqui a palavra por respeito ao *decoro publico,* advertindo porém de que o dicto só tem graça com a palavra verdadeira, facilmente *decifrada* pelos leitores) e para... *infiel* és muito cara.„

Ora muito bem. O sr. Baracho é, talvez, differente de todos. O sr. Baracho será, emfim, a almejada conquista dos republicanos. O sr. Baracho não tardará a cahir nos braços dos inimigos das instituições. Póde muito bem ser. Mas *difficultem-se, meninos, difficultem-se.* Tomem ar de *conquistadores experimentados.* Gato escaldado de agua fria tem medo. Não se declara uma paixão assim logo á primeira. Como o sr. Baracho tem, *como monarchico,* andado realmente bem, como o sr. Baracho é certamente sincero, como tem ido mais longe do que os outros monarchicos, levem-lhe a casa um cartão de visita, mas fiquem-se por ahi, por emquanto. O seguro morreu de velho. Tenham cuidado...

Não querem?

Então Deus os ajude. Muito estimaremos que d'esta vez não façam a triste figura que sempre teem feito.

Baracho carregou a viseira ao ler isto. E ainda mais a carregou quando, no domingo seguinte, 1 d'outubro, viu que a troça continuava. Os diabões davam todos uma sorte medonha com a troça!

Em 1 d'outubro diziamos:

Recebemos esta semana varias cartas e bilhetes applaudindo a nossa attitude na questão Baracho.

Ora louvado seja Deus!

Pelo que se vê, a confraria do Senhor Sacramentado, representada na imprensa pelo *Mundo*, anda agora um pouco infeliz. Não tem remedio senão arranjar capuchinho de setim e borzeguins d'oiro para o seu menino Jesus. E milagre!

Oh! e milagre, sim, e milagre! Em coisas de Egreja, é o milagre que bate o *record* da sensação.

Coisa facil. Basta que comecem a teimar que ha uma *aureola* em volta da cabeça do Senhor Sacramentado. Não aureola de palavras, aureola rhetorica, mas uma verdadeirissima aureola, um resplendor, um arco de luz, que toda a gente *póde vêr* olhando com attenção para a cabeça do Senhor Sacramentado.

Ateimem, ateimem. Perguntae: "Pois não é verdade? Pois não vêem?„ E verão como todos olham, como *todos vêem* e como *todos concordam*. Será um côro unanime a responder: "E' verdade! Não ha duvida nenhuma!„

Nunca se arranjou o milagre d'outra fórma. Nunca! Ninguem vê nada. Mas ninguem se atreve, contra a opinião dos apostolos, a dizer que não vê!

Ora, depois de ser crença geral que em volta da cabeça do Senhor Sacramentado ha um authentico *resplendor de luz*, ou os da outra confraria hão de descobrir, provar, *convencer*, que o Senhor do Bemdito tem azas e vôa, ou ficam amachucadinhos de todo.

E eis um torneio curioso!

Mas o que levou Baracho á serra, o que fez com que elle deixasse de querer mal ao diabo para nos querer mal a nós, o que o lançou d'alma e coração na conspirata tramada no *Mundo* contra a nossa humilde pessoa, foi esta insignificante prosa, que viu a luz do dia no *Povo de Aveiro* de 8 d'outubro de 1905, sob o titulo *Arreda... Arreda ...*

Arreda... que ahi vem o diluvio!
Arreda... que ahi vem Deus!

O santo irmão que, n'uma folha republicana da provincia, chamou ao egregio (o termo é d'elle) Antonio José d'Almeida *a perfeita e inexcedivel encarnação dos antigos oraculos de Delphos e de Salamina*, que do egregio Antonio José d'Almeida disse ser *o temperamento mais caracteristico do verdadeiro revolucionario que existe na peninsula hispanica e talvez em toda a Europa*, que affirmou impávido, que *a monarchia vacilla ao ser atacada por um gigante da tempera do carinhoso bemfeitor dos indigenas de S. Thomé*, o mesmo santo irmão, o campeão de Portugal, no *elogio monstro*, onde tem a honra, e nós a gloria, e elle tambem, de bater os campeões de todo o mundo, escrevendo agora sobre as virtudes e mais partes do sr. Dantas Baracho, diz:

"Emquanto nos esconjuros das casernas tantos officiaes do Exercito Portuguez se entregam a um marasmo desolador, apathicos, neurasthenicos, entretidos tristemente no jogo do gamão, em pleno parlamento, um general *digno de emparceirar com o marquez de Sá da Bandeira, com o conde das Antas, com Saldanha e Terceira*, pensa amargamente na decadencia a que chegou a patria de Vasco da Gama e de Luiz de Camões, de Affonso Henriques e de Marquez de Pombal, e prepara-se altivamente para levantar o repto affrontoso que o despotismo lançou ás faces do paiz.„

Apre, que é de escacha com uma acha!

De tal sorte que se o santo irmão não tem elevado o conde das Antas á bitola de Saldanha, não se sabia que remedio dar a estas horas ao pobre sr. Dantas Baracho, que, corrido de ridiculo por se vêr *emparceirado* com Saldanha, só no céo encontraria refugio.

Mas como o santo irmão teve o cuidado de metter *na dança* o conde das Antas não ha perigo nenhum.

Quem ficou com razão de queixa foi o sr. Manuel d'Arriaga.

Querem vêr?

"A *Democracia do Sul*, que ha pouco commemorou o prestigio do sr. dr. Manuel d'Arriaga, prestando homenagem á virtude civica do grande republicano, deve egualmente, n'um numero especial, redigido pelas pennas mais prestigiosas que illustram a sua redacção, render o seu preito de homenagem ao patriota insigne e valente parlamentar, verdadeira sentinella—sempre álerta—da Liberdade Nacional—sr. general Dantas Baracho.„

Ora coitado de Manuel d'Arriaga! Passar uma vida inteira a combater pela democracia e agora apanhar tantos loiros como o sr. Dantas Baracho, francamente: é de esfregar os loiros na cara dos cidadãos.

Mas, já agora, façam obra completa e aceada. Carreguem ás costas com o sr. Dantas Baracho e vão com elle esperar o Loubet. E escrevam-lhe por baixo:

Eis aqui o espirito da Patria!

Podem ter a certeza de que obteem um assignalado triumpho. Loubet fica embatocado!

"Tudo isto, continua escrevendo o santo irmão, deve impellir o Partido Republicano para o homem que é um democrata de alma e coração, e na hora avançada da civilisação que vamos atravessando na luminosa senda do progresso social, aguardemos a iniciativa do prestigioso e honrado general em prol dos interesses da Nação.

Patriotas sinceros, sem distincção de partidos:—descobri-vos respeitosamente ante o vulto magestoso do parlamentar incorruptivel e brioso general que n'esta hora sinistra de decadencia representa o futuro da Patria redimida pela Revolução.„

Pois não, pois não! Com todo o gosto. Aguardemos a iniciativa do general e tiremos o chapéo respeitosamente. Mas, então, queremo-lo alli, n'um andor, punhos fechados, pé direito retirado quinze centimetros á rectaguarda, para Loubet dar com os olhos n'elle assim que chegar.

Já um idiota de Abrantes nos perguntou: "Que tem você com as nossas homenagens ao sr. Dantas Baracho? Não temos que lhe dar satisfacções. *Não podemos admittir que se vá contra as opiniões seja de quem fôr.*„

Ora é assim mesmo. Como *não póde admittir que se vá contra as opiniões seja de quem fôr*, toca a descompor-nos, porque não somos da opinião dos que são da opinião d'elle.

Chucha, que é canna dôce!

O sr. general Baracho, que é um *genio*, accrescenta o homemsinho, *tem talvez soffrido desgostos, e prejuizos por causa da sua nobre attitude*, e por isso merece todas as homenagens e gratidões. E os outros, que trabalham ha duzias d'annos pela republica, só merecem coices. Chucha, que é canna dôce! Os outros não teem soffrido nada! Os outros não teem sequer o direito de fazer observações! Os outros não teem o direito de pensar como entenderem! Isto é, teem todo o direito e toda a liberdade. Mas com a condição de pensarem e procederem como pensarem e procederem os que se arrogam a direcção do republicanismo indigena.

Toca a descobrir e a curvar a cabeça reverente deante do sr. general Baracho.

Pois está dicto então. Mas n'esse caso, prestem-se ao santo todas as honras que lhe são devidas.

Nós queremo-lo n'um andor, á chegada de Loubet. Ha de ser alli, fronteiro á porta da estação do Rocio. N'uma grinalda de louvores. Coroado de elogios. E com arreganho, em valente attitude de arremetter.

Os *manésinhos* sahem á frente, fazem a sua costumelia, com a mestria que todos lhes reconhecem, que todos lhes admiram, e exclamam para Loubet:

Aqui está, n'este nonagesimo rebento de D. Sebastião, a esperança da redempção nacional.

Este é que é o homem! Este é que nos vae salvar!

O Jesuino toca o hymno e estejam certos de que Loubet vae para França edificado.

Que bando de idiotas!

Não temos nenhuma má vontade ao sr. Dantas Baracho. Pondo de parte o seu feitio de valentão, que achamos improprio d'um parlamentar, d'um homem publico, sympathisamos até com a sua figura moral, n'esta phase da sua vida, e louvamos rasgadamente a sua attitude em defesa das liberdades publicas. Não discutimos mesmo sua excellencia. Não o criticamos. O que discutimos, o que criticamos, é o excesso ridiculo que tudo compromette e que tudo inutilisa no partido republicano portuguez.

E' só isso. E d'isso não tem culpa nem o sr. Dantas Baracho, nem o proprio partido republicano, que só commette o erro de ser victima *resignada*, e mais nada. Quem tem a culpa é um bando de idiotas, um bando de bacorinhos que se apoderaram da imprensa republicana para n'ella desacreditarem e inutilisarem tudo.

Sim, para inutilisarem tudo. O sr. Dantas Baracho poderia vir a ser, talvez, um elemento prestadio. Não o será, não o poderá ser, porque começa, desde já, a ser inutilisado por aquelles mesmos que pretendem engrandece-lo.

Se a imprensa republicana tivesse o menor senso, que não tem nenhum, limitar-se-hia a applaudir, no momento adequado, o sr. Dantas Baracho, e a impo-lo habilmente à consideração publica. E n'esse caminho saria seguido por todos. Cahindo em exaggeros ridiculos, como sempre, fez rir uns, provocou legitimas reacções em outros, porque ninguem está obrigado a ir na corrente dos idiotas, e, ás duas por tres, gastou, n'um abrir e fechar d'olhos, o sr. Dantas Baracho, que não tinha condições para resistir por muito tempo a uma aturada campanha de exaltação a todo o custo, *de engrandecimento á outrance*. Nem o homem de maior talento resiste a isso. Quanto mais o sr. Baracho, que é d'um valor mediocre.

Para que um homem *escape* no partido republicano, para que conserve o seu prestigio, a primeira condição é que a imprensa republicana o esqueça, ou o ponha em segundo plano. Senão, está perdido.

Nem Deus, nem o Diabo resistem ás baboseiras da imprensa republicana quando ella se lembra de o erguer como bandeira. Ninguem da terra, do céo ou do inferno. Porque a tudo se resiste, menos ao ridiculo. E para afundar um homem em ridiculo não ha como esses idiotas que, por uma triste fatalidade nacional, resalvadas as excepções, rabiscam nos periodicos republicanos.

A todos os males o partido republicano poderia resistir. Ao mal da sua imprensa é que elle não resiste.

E' a grande causa do seu insuccesso, do seu desprestigio.

E eis como, por causa d'uma brincadeira d'estas um homem é *reformado*, tem de se demittir depois de reformado e ainda se arrisca a levar uma facada... depois de demittido.

Ah, que a peor coisa que tem o homem é a vaidade!

PROVINCIAS

Alcaçovas

Realisou-se no dia 3 do corrente com a solemnidade dos demais annos, a festividade da primeira communhão ás creanças d'ambos os sexos, devido aos esforços do nosso velho parocho Alcantara, que mais uma vez mostrou quanto vale a boa vontade d'aquelles que conscios de que cumprem o seu dever arrostam com desprezo a guerra tenaz, mesquinha, dos que em vão tentam boqueja-los. Honra lhes seja.

Rejubilou-nos o ver ainda a velha philarmonica União, despresando a acintosa guerra movida por alguns individuos que da politica fazem bandeira para a vingança pessoal, arcar impavida com todos os obstaculos e vir mais uma vez ainda, mostrar ao povo alcaçovense quanto vale a boa harmonia entre meia duzia de rapazes ligados pela amizade de alguns annos de fadigas em proveito de todos.

Como sentiriam a sua alma aquelles que, pobres ingenuos, se prestavam a servir de joguete, a idiotas perversos despresando os seus companheiros, só com fim de lhes difficultar o prazer de serem agradaveis áquelle velho que de todos tem sido amigo dedicado e de alguns quasi que pae.

Pobre sociedade! a que ponto tu chegaste!! Antigamente arcavas sem medo com as investidas do feroz leão e sempre resististe indemne ás suas garras e hoje já velha e decrepita tens ainda a soffrer os coices de lazarentos jumentos.

Para melhor sorte te deveria Deus destinar.

—†—

Vendas Novas

... Sr. redactor.

Tendo "o Povo d'Aveiro„ em seu numero 1328, publicado uma correspondencia d'esta localidade em que se fazem referencias a alguns individuos d'aqui e sendo eu por elles, entre outros, arguido de ser o seu auctor. o que, como v. sabe, não é verdade, venho rogar a v. se digne no proximo numero fazer cathegoricamente desmentir tal affirmação.

Esperando do cavalheirismo de v. ver eslarecido este caso subscrevo-me com toda a consideração

De V. etc.
J. d'Oliveira e Silva.
Professor official

Não temos duvida nenhuma em affirmar a verdade. A correspondencia não é do sr. Oliveira e Silva.

Tambem nos escreve o sr. Pinto Ferreira a dizer que não sendo sua a correspondencia, lamenta que lh'a possam attribuir, pois n'ella é injustamente tratado o medico da localidade, que é serviçal e digno.

—†—

Lagos

Cahi das nuvens, sr. redactor, ao lêr a carta do sr. major Candido Corrêa. Por varios motivos. E um d'elles porque vejo que já não tem a respeito do *Povo de Aveiro* a mesma opinião que s. ex.ª a varias pessoas manifestava. Ainda bem. Mais vale tarde que nunca.

Como não posso sahir da reserva a que me forçam as circumstancias, isto é, como não posso auctorisar v. á publicidade do meu nome deixando-lhe o direito de fazer das informações o uso que quizer, não responderei ao sr. major Corrêa nos termos em que elle escreve. Mas mantenho *absolutamente* a verdade das minhas informações. Nem eu era capaz de o informar falsamente.

Eu não disse que as *vendas* eram do sr. Corrêa. O que eu disse é que era sua a casa onde ellas estão, ou, por outra, que tinha arrendado os baixos do seu predio a duas vendas para n'ellas lhe venderem o vinho. Ora isto é certo, sr. director. Affirmo que é a genuina expressão da verdade. V., sr. director, tendo fortuna, possuindo casas, n'estas condições, sendo commandante d'um batalhão, e commandante militar ao mesmo tempo, arrendava as duas tascas para se vender o seu vinho no logar mais publico da cidade, a dois metros da guarda principal, onde se junta a mais infima ralé de pé descalço? Onde a propria sentinella já chegou a entrar para manter a ordem? V., mesmo com prejuizo seu, não as conservaria fechadas, para manter a disciplina e o decoro militar? Por certo que sim. Mas o sr. Corrêa nem esse prejuizo tinha, visto que os baixos do dicto predio tiveram sempre arrendatario e agora não lhe seria difficil obte-lo para outros quaesquer misteres. Olhe, sr. director, eu sei que a esposa do arrendatario dos altos do predio se tem cohibido muitas vezes de chegar á janella para não ouvir os palavrões dos freqnentadores dos baixos arrendados pelo sr. major Corrêa. Tem ou não responsabilidade moral o sr. commandante militar? *As partes dos commandantes das guardas e dos sargentos da ronda* não veem para o caso, pois os commandantes das guardas consentem taes poucas vergonhas e o sargento da ronda não tendo conhecimento de coisa alguma tambem não tem obrigação de passar a noitê e o dia na *Praça da Constituição* para ver o que se passa nas tascas e na guarda principal. O sr. Corrêa, habitando muito proximo das tascas e da guarda principal não lhe custará presenciar o que toda a gente presenceia, mesmo aquella que não mora tão perto como s. ex.ª. No dia 2 de agosto houve aqui á noite uma arruaça medonha de republiqueiros, com vivas e morras a toda a gente, vivas aos d'elles e morras a todos os outros, ao som da Marselheza. Pois estes arruaceiros passaram pela guarda principal, que não cumpriu o seu dever, e não consta que o sr. commandante militar, tendo d'isto conhecimento, pedisse responsabilidade aos seus subordinados. Isto é outro facto authentico Mas se o sr. major Corrêa nega, que peça uma syndicancia para apuramento inteiro da verdade. E então se verá.

Outro facto: não é verdade que o sr. major Corrêa atrela o seu cavallo praça á sua charrete? Isto é uma coisa grave. Sob o ponto de vista militar, é grave. Não é verdade?

Satisfez-me que o sr. major Correia, na carta dirigida a V, se não referisse ás conferencias politicas no hospital militar. Ainda bem que s. ex.ª se não preoccupou com isso, lamentando eu que só as tascas o preoccupassem.

Emfim, por hoje vou findar, mas voltarei ao assumpto se V. o permittir e o sr. Corrêa a isso me obrigar.

E uma pergunta: não recebeu V. uma carta em que me referia á administração e hygiene da cidade?

Não recebemos a carta a que o correspondente se refere.

—†—

Moita

A politica n'esta terra, como, aliás, por muitos outros pontos do paiz, está, por assim dizer, desmantelada. Depois da morte de Dantas Barboza, que era homem de ponderação e influencia, isto ficou sem rei nem roque. Veio substituilo o *Faz tudo*, mas o *Faz tudo* não *Faz nada*.

O *Faz tudo* é Manuel Maria d'Azevedo Rua, notario no Barreiro á morte de Dantas Barboza e que d'alli veio para a Moita. Já adestrado na galopinagem das Caldas, teve artes de fazer eleger uma camara que se diz republicana, de que elle fez parte, eleição que conseguiu com mil promettimentos, alcavalas e alicantinas de toda a ordem.

São vereadores com elle o homem da cabelleira [O Buiça], Luiz Fortunato da Fonseca, que está ás ordens do pharmaceutico Moura, que tem por sua conta um Montepio de que elle é o *tudo*. E' o escripturario, é o thesoureiro, emfim, tudo. Outro vereador é o João Martins Gomes, o *Sericoté, regas tu ou rego eu*, que deu d'interesse á camara transacta approximadamente 400$000 réis de clorau.

Outro vereador é padeiro e forneiro—chama-se José Nicepheno, conhecido pelo José Maria. Entrou para a camara por não haver já ninguem que quizesse.

A camara nada tem feito. Isto é, tem feito jardins. O jardim do Juncal—quatro pernadas—e onde quiz fazer um poço para augmentar o fornecimento d'aguas na população. Ora o Juncal é um deposito d'estrumes e dejectos. Veja, sr. redactor. que camara, que capacidades, que juizo!

Alem d'esse jardim tentou-se um outro, o jardim das escolas mas tambem ficou reduzido ... a paus. Para guarda do jardim do Juncal onde não ha nada, absolutamente nada, creou-se um emprego de guarda. Está um homem, por 300 réis diarios, a ... guardar as estrellas.

Veja. sr. redactor, que bella administração!

VÁRIA

Cozedura do pão

O pão, depois de cozido, é um transmissor de microbios?

E' o que se tem ultimamente, na França, na Allemanha, e n'outros paizes, procurado averiguar. E, infelizmente, as respostas são affirmativas por toda a parte. O pão pode transmittir o microbio da tisica, e o microbio da febre typhoide. Transmitte-se tanto mais quanto maior é. Quanto maior, mais mal cozido, em regra. Ora o microbio da tisica e o da febre typhoide morrem a uma alta temperatura. Mas o interior dos pães grandes, dos pães de dois kilos por exemplo, nem sempre attinge essa alta temperatura. E, então, sobrevivem no interior d'esses pães os dois microbios, introduzidos na massa ou pelas aguas impuras, ou por amassadores affectados da doença, ou pelas poeiras, etc.

Convém que as aguas com que se amassa o pão sejam puras, e que o pão seja muito bem cozido.

O pão *muito bem cozido* é por todos os motivos mais hygienico. Não falta, porém, gentinha que o prefere *mal cozido*.

—†—

Virá a faltar o trigo?

E' outro grave problema. Se vem a faltar o trigo no mundo, isto é, se chega um momento em que se torna impossivel cultivar mais trigo e em que o trigo cultivado não chega para as necessidades do consumo, temos a fome com todo o seu cortejo de horrores.

Ha dez annos, William Crookes, um sabio illustre, escreveu que receava muito que, dado o augmento progressivo da população mundial, e a cultura cada vez maior dos terrenos susceptiveis de crear trigo, o trigo viesse a escassear no mundo. Um outro escriptor americano, W. C. Tiffany, publica agora um trabalho notavel a demonstrar que não existe esse perigo.

Realmente no anno de 1907-1908 houve um deficit de trigo no mundo de 320.849:470 litros de trigo. Em 1905-1906, a producção mundial havia sido de 237.586:192 hectolitros e o consumo de 229.773:730. Houve, pois, n'esse anno um excesso de 7.812:462. Mas no anno de 1907-1908 foi a producção mundial de 2.009.736:430 e o consumo de 2.330.585:900. Portanto houve um deficit de 320·849:470. Se este deficit não podesse ser preenchido pelos excedentes em reserva, e continuasse progredindo com os progressos da população, a fome seria fatal.

Mas não ha esse perigo, affirma o sr. Tiffany, homem d'auctoridade no assumpto, de competencia reconhecida nos Estados Unidos da America do Norte. O Canadá occidental, a oeste de Winipeg, n'uma extensão de 1.609 kilometros, está em condições não só de produzir trigo como de produzir as melhores qualidades de trigo. O noroeste do Canadá está em excellentes condições para dar trigos da primavera, e o Alberta, onde o clima é bastante doce, para fornecer um bom trigo d'inverno. Da mesma fórma o Saskatcherwan, com a immensa superficie agricola ainda por explorar, offerece brilhantes perspectivas. Temos tambem a Argentina, extremamente rica em terras e onde se pode semear ainda muito trigo, e a oeste da Siberia as regiões do Transbaikal, do Amor, da Mandchuria, etc. Além d'isso os nossos methodos d'irrigação permittem melhorar convenientemente a cultura do trigo na Russia, no sul d'Africa, no Sastkatchen, no Alberta, o Montana, os Dakotas, o Nabraska, o Kauros, o Colorado, o Utah, o Nevada no valle do Mississipi, etc.

Uma melhor escolha das sementes pode tambem multiplicar a producção. A superficie das terras ainda virgens proprias para a cultura do trigo, é muito maior que a das terras cultivadas com esse cereal. E portanto a prophecia de Crookes, diz Tiffany, não deve assustar ninguem.

Assim seja!

—†—

A tuberculose e o alcool

Cada vez se demonstra mais a intima ligação da tuberculose com o alcoolismo. As estatisticas inglezas, que são bem feitas, mostram que dos 25 aos 35 annos, morrem proporcionalmente, de tisica, 244 logistas de todas as cathegorias para 465 taberneiros. Dos 35 aos 45 annos morrem em 100:000 logistas 245 de varias profissões e 579 taberneiros. Em Paris, no periodo de 1901 a 1905, verificou-se que os homens adultos contrahiam a tuberculose duas ou tres vezes mais que as mulheres da mesma edade porque bebiam mais alcool.

—†—

Guerra... aos beijos

No Estado d'Iowa, Estados Unidos, vae uma guerra terrivel ao beijo. E vamos, que n'isso applaudo eu calorosamente os... *iowanos*. O beijo é uma porcaria. Serve unicamente para transmittir microbios.

A' custa do Estado de Iowa se fabricaram milhares e milhares de barro para distribuir gratuitamente pelas creanças com esta inscripção: *Não me beije!* O director do serviço de saude, dr. Kepford, emprehendeu uma viagem atravez do Estado de Iowa para fazer uma série de conferencias sobre os inconvenientes e perigos do beijo. Os professores secundam-no n'esse intuito, sendo recompensadas as creanças que teem energia para se não deixar beijar.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA
— DE —
Albino Pinto de Miranda
LARGO DE MANUEL MARIA
AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Serviços completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e extrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chouriços do Alemtejo e banha da terra, *Chumbo, cartuchos e mais appetrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc., etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS . A DUZIA e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

CH PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.
Limpa e tinge *luvas, tapetes reposteiros.*
Fabrica e Escriptorio—**Rua Costa Cabral, 489**—PORTO.

SUCCURSAL
383—Rua Formoza—385
[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

O Povo de Aveiro
Vende-se

LISBOA—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça o Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro 9 e 10

MATTOSINHOS—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens 100

COIMBRA—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27

ALCOBAÇA—Antonio Vazão.

GOUVEIA—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp

CABEÇÃO—Luiz Vieira da Silva.

PORTALEGRE—João Gervasio Coelho, Largo da Sé.
VENDAS NOVAS—Francisco Pinto Ferreira.
SETUBAL—Manuel Tavares.
ARRONCHES—Miguel Maria.
ESPINHO—Kiosque Reis.
MOITA DO RIBATEJO—João Baptista Moura.
VIZEU—Agostinho da Costa Campos, Rua do Arco 85
CHAVES—Annibal de Barros.
VILLA REAL—Agencia de Publicações de Antonio de Neute C. da Mesquita.
MANGUALDE—Bento d'Almeida Campos.
MONTE ESTORIL—Gare.
S. PEDRO DO SUL—José Augusto d'Almeida.
FÁRO—Francisco Matheus Fernandes.
EVORA—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21.
CASCAES—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea.
VILLA NOVA DE BARONEA—José Custodio Figueiredo.
CORTEGANA, Alemquer—João dos Santos Pereira.
REGUENGOS DE MONSARÁS—R Antonio João de Cunh
PADERNE—ALGARVE—Antonio Anacleto d'Oliveira,
TORRES NOVAS—João Rodrigues Santieiro.

TRABALHOS COMMERCIAES

Typographia a vapor
— DE —
O POVO DE AVEIRO

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.º*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot*, *Berthol*, de Berlim, e de *Klinkardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Liebig*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO.**

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento

HOTEL CYSNE
Boa-Vista

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria)
AVEIRO

Proprietario-Gerente
ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais apraziveis da cidade, recommenda-se pela seriedade e aceio do tratamento.

Contracto especial para hospedes permanentes

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:
Hotel Cysne—AVEIRO